

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

As Caçadas de Kaa
Toomai dos Elefantes



Rudyard Kipling

2

Esta é mais uma publicação

TAFARA

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Volume 2

- As Caçadas de Kaa

- Toomai dos Elefantes

1a. Edição: 500 exemplares

Autor: Rudyard Kipling

Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito

Tradução: Monteiro Lobato

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2002

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria	Mario Henrique Peters Farinon
Diretoria	David Crusius
Diretoria	Márcio Sequeira da Silva
Diretoria	Ronei Castilhos da Silva
Diretoria	Oswaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria	Ronei de Castilhos da Silva
Diretoria	Neivinha Rieth
Diretoria	Waldir Sthalschmidt
Diretoria	Paulo Roberto da Silva Santos
Diretoria	Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamago
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon



APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho de 2002 e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS



AS CAÇADAS DE KAA

*São suas manchas a alegria do leopardo,
São os seus cornos o orgulho do touro.
Sê limpo! O caçador é tanto mais galhardo
Quanto mais limpas tem suas vestes de couro.*

*Se com o corno agressivo, o Sambhur despontar,
Tu não te apressarás em vir nos informar,
Que ns o conhecemos há dez estações.*

*Tu não oprimirás os filhotes estranhos,
Mas chama-os sempre de Irmã e de Irmão,
Se bem que sejam eles pequenas e sonsos,
Filhos de Ursa, quem sabe se eles são?*

*Ninguém igual a mim! exclama com certeza
o filhote no orgulho da primeira presa -
É pequeno o filhote e a Jângal é imensa.
Abata-se-te o orgulho! Cala e pensai*

O que se vai contar aqui sucedeu algum tempo antes da ida de Mowgli para entre os homens, bem antes da vingança que o menino-lobo tomou de Shere Khan. Passou-se quando Baloo andava ensinando ao filhote de homem a Lei da Jângal. Este corpulento, grave e idoso urso pardo estava encantado com a inteligência do seu discípulo, porque os outros, os lobinhos, só aprendiam a Lei na parte que dizia respeito à vida das Alcatéias. Abandonavam o mestre logo que podiam repetir os Versos do Caçador: «Pés que não fazem barulho, ouvidos que apanham a voz dos ventos ainda em suas cavernas, olhos que enxergam no escuro e dentes bem brancos constituem a marca dos nossos irmãos - de todos os nossos irmãos, exceto Tabaqui, o Chacal, e também a Hiena, que odiamos».

Mowgli, porém, como filhote de homem que era, tinha que aprender muito mais. As vezes Bagheera vinha de manso por entre os arbustos para ver como o seu favorito ia de lições, e ficava de cabeça recostada a um tronco ouvindo-o repeti-las. O menino da Jângal já subia em árvores tão bem como nadava nas lagoas, e nadava tão bem como corria pela floresta. Por isso estava Baloo a lhe ensinar a Lei das Águas e a Lei das Árvores - como, de cima dum galho vivo, adivinhar um galho morto adiante; como falar polidamente a uma colmeia quinze metros acima do chão; o que dizer a Mang, o Morcêgo, ao ter de incomodá-lo em seu galho, em pleno esplendor do sol; como avisar as serpentes aquáticas quando se vai dar um mergulho na lagoa. Nenhuma das criaturas da Jângal gosta de ser perturbada, nem de ser forçada a fugir com o súbito aparecimento dum intruso. Por isso também lhe foi ensinado o Grito do Caçador Intruso, o qual tem de ser repetido até que venha resposta, sempre que uma criatura quer caçar fora de sua zona. Esse grito é assim: «Licença para caçar aqui, que estou com fome». E a resposta: «Caça, mas só para matares a fome, não por prazer».

Estes exemplos mostram o quanto Mowgli tinha de aprender de coisas que o cansavam pelo grande número de vezes que havia de repeti-las.

- Mas, disse Baloo a Bagheera certa vez em que na presença da pantera deu uns tapas no menino desatento, um filhote de homem é um filhote de homem e portanto tem de aprender «toda» a Lei da Jângal.

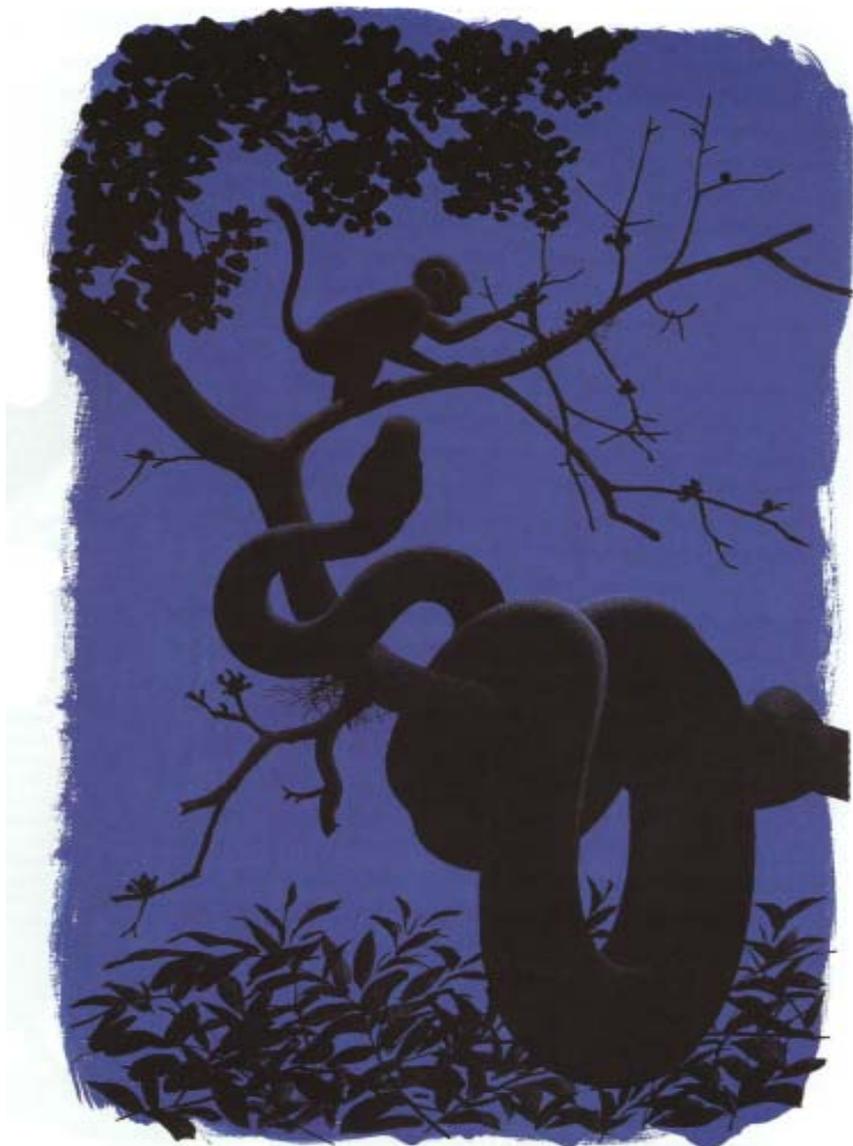
- Lembra-te de que êle é ainda muito pequenino, advertiu Bagheera, a qual o teria estragado de mimos se fosse a sua professora. Como poderá esta coisinha guardar tantas lições na cabeça?

- O tamanho dêle acaso evita que seja morto? Certo que não. Por isso lhe ensino tanta coisa - defesas - nele bato, sem o machucar, quando se mostra desatento no aprender.

- Sem o machucar! Que sabes tu de delicadeza, ó Pata de Ferro? grunhiu Bagheera. Não vês que a sua carimba está toda arranhada, toda marcada com

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006
as cicatrizes da tua delicadeza de urso? Ugh!...

- Melhor seja marcado da cabeça aos pés por mim, que o amo, do que ficar lindo de pele, mas ignorante da defesa, respondeu Baloo vivamente. Estou agora a ensinar-lhe as Palavras Mestras da Jângal, que o hão de proteger das Aves e do povo Serpentino. Breve poderá defender-se de toda a Jângal apenas repetindo as palavras que lhe ensinei. Não vale uns tanas essa segurança?



- Bem, mas cuidado em não ensiná-lo demais, matando-o. Ele não é tronco de árvore onde se exercitem tuas patas. Essas palavras quais são? Delas não necessito, bem sabes, porque sou feita para ajudar-me a mim mesma e ainda para ajudar aos outros - nunca para pedir ajuda, disse Bagheera, espichando elasticamente as patas e olhando com orgulho para as garras de aço azul, cortantes como o formão. Apesar disso, gostaria de conhece-las.

- Chamarei Mowgli para que as diga - se êle o quiser. Vem cá, Irmãozinho! gritou o urso.

- Minha cabeça está azoando como árvore de abelhas, murmurou por cima dos dois animais a voz queixosa de Mowgli, que vinha escorregando duma árvore abaixo, colérico e indignado.

Ao pôr o pé em terra, acrescentou:

- Vim por Bagheera, não por ti, rabugento Baloo.

- Não me ofende essa raiva, já que estás magoado e dolorido por causa duns tapas justos que te dei. Vamos. Dize a Bagheera as Palavras Mestras da Jângal, que te venho ensinando êstes dias.

- Palavras Mestras de que povo? indagou Mowgli, deleitado de exibir seus conhecimentos. A Jângal possui muitas linguagens, que conheço todas.

- Conheces um bocadinho, não todas. Vê, Bagheera, ele jamais agradece ao mestre. Também nenhum dos lobinhos ainda voltou a agradecer-me o ensino, Vamos. Dize as Palavras do Povo Caçador, ó grande aluno!

- *Somos do mesmo sangue, vós e eu*, repetiu Mowgli, dando às palavras o acento exato que o Povo Caçador – os ursos - usam.

- Bem. Agora a Palavra das Aves.

Mowgli repetiu-a, com o graso de Chil, o Abutre, no fim da sentença.

- Agora a palavra do Povo Serpentino, pediu Bagheera.

A resposta foi um indescritível assobio ou silvo, tão bem imitado que o próprio Mowgli bateu as mãos para aplaudir-se, saltando em seguida sobre o dorso elástico da pantera e esporeando-a com os calcanhares, enquanto fazia para Baloo as mais horríveis caretas.

- Aí está! Esses modos justificam os meus tapas, disse o urso com ternura. Um dia hás de agradecer-mos.

E, voltando-se para Bagheera, contou como aprendera as Palavras Mestras com Hathi, o Elefante Selvagem, o qual as conhecia todas melhor do que ninguém, Contou ainda como Hathi havia levado Mowgli a uma lagoa para que aprendesse a Palavra das Serpentes da própria boca das cobras d'água,



visto que êle, Baloo, não as podia pronunciar com absoluta correção. Em consequência estava Mowgli agora a salvo de todos os acidentes possíveis na Jângal, porque nem as cobras, nem aves, nem animais de pêlo poderiam agrava-lo.

- Não tem a temer nenhum, concluiu Baloo orgulhosamente.
- Exceto a tribo dos lobos, murmurou Bagheera a meia voz. Depois, alto, para Mowgli: Tem dó das minhas costelas, Irmãozinho, Que dança é essa aí em cima?

Estava Mowgli a puxar com violência o pêlo do pescoço da pantera e a esporeá-la com quanta força tinha para que desse atenção ao que ia dizer. Quando a viu toda ouvidos, assim como Baloo, berrou a plenos pulmões:

- Nesse caso, terei minha própria tribo, que guiarei o dia inteiro pela Jângal,

- Que nova loucura é essa, sonhador de sonhos? indagou Bagheera.

- Sim, e havemos, do alto das árvores, de jogar ramos e nozes sobre êste urso velho, continuou Mowgli, «Eles» prometeram-me isso.

Paft! A grossa pata de Baloo colheu o menino de cima do dorso da pantera num relâmpago. Seguro entre seus braços peludos, Mowgli percebeu que o urso estava em cólera.

- Mowgli, disse Baloo, estiveste a conversar com os «Bandar-log», o Povo Macaco?

O menino olhou para Bagheera para ver se também estava colérica. Os olhos que encontrou tinham a dureza do jade.

- Estiveste com os macacos? com os macacos cinzentos, o povo sem lei, os comedores de tudo? Que vergonha!...



-Quando Baloo machucou minha cabeça, respondeu Mowgli ainda na mesma posição, saí pela Jângal, para muito longe. Os macacos cinzentos, em certo ponto, desceram das árvores, cheios de piedade por mim. Só eles tiveram dó de mim,

- O dó do Povo Macaco! exclamou Baloo com ironia. Isso vale o mesmo que dizer o silêncio da cachoeira, a frescura do fogo... E depois, filhote de homem?

- Depois... depois me deram castanhas e mais coisas gostosas e... carregaram-me nos braços ao topo das árvores, onde declararam ser meus irmãos em tudo, menos em cauda, que eles têm e eu não, e disseram ainda que eu viria a ser o grande chefe dos macacos.

- Os macacos não têm chefe, rosnou Bagheera. Mentiram. Mentem sempre.

- Foram muito bondosos comigo, prosseguiu Mowgli, chegando a pedir que voltasse de novo. Dizei-me: por que nunca me levastes para o meio desse povo? Eles sabem andar de pé, como eu. Não me maltratam. Brincam o dia todo. Larga-me, Baloo! Deixa-me ficar de pé, urso malvado! Quero e hei de visitar os macacos outra vez...

- Ouve, filhote de homem, urrou o urso com voz de trovão. Ensinei-te a Lei da Jângal no que diz respeito a todos os animais, menos aos macacos que moram em árvores. Eles não têm lei. São proscritos. Não têm linguagem. Usam palavras furtadas aqui e ali, pois vivem espiando e escutando de cima dos galhos o que nós outros dizemos cá embaixo. Seus usos não são os nossos. Chefes, não possuem. Também não guardam memória de nada. Bazofiam sem parar, pretendendo ser um grande povo prestes a iniciar grandes coisas na Jângal. Mas assim que uma noz cai da árvore, põem-se a rir e esquecem de tudo. Nós na Jângal não temos nenhum entendimento com esse povo. Não bebemos onde eles bebem; não andamos por onde eles andam; não caçamos onde eles caçam; não morremos onde eles morrem. Já viste a mim, por acaso, falar nêles, algum dia?

- Nunca, respondeu Mowgli num murmúrio que soou nítido no silêncio em que o trovejar de Baloo deixara a Jângal.

- O Povo da Jângal os banuiu da sua boca e do seu pensamento. Eles são numerosíssimos, maus, sujos, sem brio, animados do desejo único de serem vistos e admirados por nós. Mas não atentamos nêles «nunca», nem mesmo quando jogam nozes, ou porcarias sobre nossas cabeças.

Mal acabara Baloo de pronunciar estas palavras, uma chuva de nozes e galhos secos caiu sobre eles vinda de cima das árvores próximas, acompanhada de um rumor muito conhecido de saltos, guinchos, uivos e tossidas.

- O Povo Macaco não existe para o Povo da Jângal. Lembra-te sempre Mowgli,
- Não existe, confirmou Bagheera. Mas julguei que Baloo já houvesse avisado

- Eu? Eu? Como poderia adivinhar que iria êle meter-se com a sujidade? Macacos! Ugh!...

A chuva de nozes e galhos continuou, fazendo que o urso e a pantera se fossem dali e levassem Mowgli consigo. O que Baloo dissera dos macacos correspondia à realidade. Vivem no alto das árvores, e como os animais da Jângal raro olham para cima, não há nunca oportunidade de trato entre êles. Mas quando os macacos encontram um lobo, tigre ou urso ferido, metem-se logo a atormenta-lo, bem como se divertem em atirar nozes e galhos secos contra todos os animais que lhes passam ao alcance - por brincadeira, para serem notados. E se não são notados, guincham guinchos sem sentido, convidando o Povo da Jângal a subir às árvores para lutar com êles, ou então se empenham em terríveis combates entre si por questões ridículas, deixando os mortos em lugar onde possam ser vistos. Andam sempre prestes a ter um chefe, e leis e costumes, mas nunca chega a hora, porque a memória macaca muito débil, jamais guarda uma coisa dum dia para outro. Por isso se justificam

com um dito que criaram: «O que os «Bandar-log» pensam hoje toda a Jângal pensará um dia», idéia que muito os consola. Nenhum animal os pode apanhar; também nenhum lhes dá a mínima atenção; daí ficarem tão agradados quando Mowgli foi procurá-los e tão furiosos ao ouvirem a reprimenda de Baloo.

Eles não queriam fazer coisa nenhuma. Os «Bandar-log» não fazem nada. Mas um surgiu com o que lhe pareceu grande idéia e disse aos outros que Mowgli poderia ser útil ao bando, visto como sabia tecer esteiras de vime, boas para a proteção contra os ventos. Assim, se pudessem apanhá-lo, poderiam com êle aprender essa arte. Como filho de lenhadores, Mowgli herdara várias habilidades, e tecia esteiras sem nunca pensar como essa arte lhe viera. Os «Bandar-log», sempre à espia do alto das árvores, tinham observado isso, achando a coisa maravilhosa. Daí a idéia de pô-lo como chefe do bando, de modo que se tornassem o primeiro povo da Jângal, admirado por todos e de todos invejado. Naquele dia vieram seguindo



Baloo e Bagheera pelo alto das árvores, ocultamente, com um plano qualquer na intenção. Nisto chegou a hora da sesta. Mowgli, envergonhado com o que havia feito, não se aproveitou do sono dos seus amigos para ir ter com os «Bandar-log». Ficou também a sestar por ali, acomodado entre as patas da pantera e do urso, firmemente resolvido a nunca mais se meter com a gente macaca.

Súbito, o menino acordou agarrado nos braços e pernas por pequenas munhecas ásperas, ao mesmo tempo que sobre sua cabeça as ramagens eram sacudidas violentamente. Baloo, também desperto, atroou a Jângal com o seu urro agudo, ao passo que Bagheera, de dentes arreganhados, se projetava num salto elástico sobre o tronco da árvore próxima. Os «Bandar-log» guincharam de triunfo enquanto se sumiam galhos acima, fora do alcance da pantera.

- Eles nos viram! gritavam num delírio de contentamento. Bagheera nos viu! Todo o Povo da Jângal nos admira pela nossa habilidade e engenho!

Depois principiaram a lutar entre si nos galhos, coisa que ninguém descreve. Os macacos possuem seus caminhos e encruzilhadas por cima das árvores, podendo por êles caminhar até de noite e assim atravessar montanhas e vales. Dois dos mais fortes, com Mowgli nos braços, passavam de árvore em árvore, aos pulos de cinco a seis metros. Sem tal carga poderiam saltar o dobro. Repugnado como se achava, nem por isso deixou Mowgli de gozar aquela selvagem corrida aos pulos. Mas, a visão, a espaços, do solo onde ficaram Baloo e Bagheera, o aterrorizava, como também o aterrorizava, ao fim de cada pulo, ver-se sustido apenas por um galho que cedia ao pêso dos raptores.

A escolta que o conduzia era habilíssima em leva-lo ao mais alto das copas; nesses momentos, rápidos como o relâmpago, os macacos atiravam-se numa direção ou noutra, para se agarrarem aos galhos mais grossos das árvores próximas. Por vêzes tinha Mowgli oportunidade de ver dum golpe a massa verde da Jângal num raio de muitas léguas, como o marujo do alto do mastro vê léguas e léguas de mar em torno do seu navio. Tais visões eram rápidas; os raptores logo o puxavam e o mergulhavam no seio escuro das copas, cuja ramagem lhe chibatava as faces, de raspão. Desse modo - saltando e escorregando, guinchando e latindo - a tribo inteira dos «Bandar-log» seguia pela estrada verde com o precioso prisioneiro nas unhas.

Por vêzes receou Mowgli cair, ou ser largado por aquelas munhecas; nesses momentos vinham-lhe coléricos ímpetos de lutar. Vendo, porém, quão inútil era a luta, pôs-se a refletir. A primeira coisa a fazer seria comunicar-se com Baloo e Bagheera, porque na velocidade com que os macacos o conduziam, aquêles amigos se estavam distanciando cada vez mais.

Olhar para baixo, inútil: só enxergava galhos e mais galhos. Olhar para cima, sim, talvez nisso estivesse a salvação. Acertou. Logo que ergueu os olhos para o céu, viu, muito alto, um ponto que se movia no azul. Era Chil, o

Abutre, a descrever círculos no ar para descobrir prêsas mortas na floresta que se estendia embaixo. Chil percebeu que os macacos estavam conduzindo qualquer coisa e logo descaiu das alturas algumas centenas de metros a fim de verificar se a carga era algo bom de comer, Soltou um pio de surpresa quando percebeu Mowgli, num dos momentos em que era lançado numa árvore para outra, e lhe ouviu a Palavra dos Abutres gritada em tom agudo: «Somos do mesmo sangue, eu e tu!»

Mas a onda verde das copas rápido se fechou, tirando o menino das vistas de Chil, que, cheio de curiosidade, voou para uma árvore adiante, donde pudesse avistar Mowgli outra vez.

- Marca a direção que levo e avisa a Bagheera e Baloo, gritou o menino

ao passar por aquela árvore.

- Em nome de quem? indagou Chil, que só conhecia Mowgli de nome e feitos.

- Em nome de Mowgli, a Rã, ou do filhote de homem, como muitos me chamam. Marca a direção.

Estas últimas palavras mal foram ouvidas por coincidirem com um novo mergulho na galharada, mas Chil fez que sim, e ergueu-se no céu até tornar-se de novo um ponto quase imperceptível. Lá de cima firmou o telescópio dos olhos sobre o mar de copas a fim de observar, pelo movimento das folhas e galhos, a trilha que os macacos seguiam.

- Eles nunca se afastam para muito longe, murmurou consigo Chil. Nunca fazem o que combinam, ou pretendem fazer. Distraem-se pelo caminho. Se não me iludo, devem estar neste momento em disputa sobre qualquer coisa sem importância.

E Chil continuou de observação, flutuando, de pés encolhidos, librado a lentos impulsos de asas.

Longe dali, Baloo e Bagheera ardiam em cólera. A pantera trepara tão alto a uma árvore que perdera o equilíbrio e viera ao chão com as garras cheias de fragmentos de casca.

- Por que não ensinaste tudo, tudo, ao filhote de homem? gritou ela furiosa para o pobre Baloo, que marchava no trote, com esperança de alcançar os raptos. De que adiantou tanto tapa, se não lhe deste todas as lições necessárias?

- Depressa, mais depressa, respondeu Baloo ofegante. Nós. . . ainda poderemos alcançá-los.

- Neste andar? Neste andar não forçaríamos sequer uma vaca ferida. Mestre da Lei da Jângal, carrasco do filhote de homem, uma língua mais desse teu trote te deixará estrompado. Pára e medita. Estudaremos um plano. Eles são capazes de o largar do alto das árvores, se os seguirmos muito de perto.

- «Arrula! Whooh!» Talvez já o tenham feito, cansados de conduzi-lo. Quem pode fiar-se dos «Bandar-log»? Morcegos mortos chovam sobre minha cabeça! Venham ossos negros para minha comida! Lancem-me dentro de colmeia de abelhas selvagens para que eu seja morto a ferretoadas, e enterrem-me como a Hiena, visto que sou o mais desgraçado de todos os ursos! «Arrula! Wahooa!» Mowgli! Mowgli! Por que não te preveni contra o Povo Macaco, em vez de te punir por tantas coisinhas?

Baloo castigava-se a taponas na cara e rolava no chão, uivando de dor.

- Ele sabe todas as palavras que lhe ensinaste – pelo menos as repetiu a mim ainda há pouco, disse Bagheera com impaciência. Baloo, que modos são esses? Mais respeito por ti próprio! Que pensaria a Jângal se eu, Bagheera, rolasse no chão como Ikki, o Porco-espinho, e uivasse, como estás fazendo?

- Que me importa a mim o que a Jângal pensa? Mowgli, o meu Mowgli pode estar morto a estas horas...

- A não ser que o derrubem do alto das árvores ou o matem por desfastio, nada receio pelo filhote de homem. Mowgli é manhoso e está bem instruído, além de que possui olhos que fazem inveja a todas as criaturas. Mas (e é êsse o grande perigo) está em poder dos «Bandar-log», e, como eles vivem nas árvores, não os intimida nenhum outro animal da Jângal.

Bagheera pôs-se a lamber uma das patas, pensativamente.

- Louco que fui! continuou Baloo, erguendo-se do chão. Louco peludo! Louco dos loucos! É verdade que Hathi, o Elefante Selvagem, costuma dizer: «Cada

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006 qual tem o seu medo». Os «Bandar-log» têm medo de Kaa, a Serpente. Kaa sabe subir até o alto onde eles sobem e costuma furtar seus filhotes durante a noite. O nome de Kaa os gela de terror. Vamos em procura de Kaa.

- Que poderá ela fazer por nós? Não pertence à nossa raça, sem pés que é e com aqueles olhos tão maus, sugeriu Bagheera.

- Kaa possui a habilidade e a experiência das criaturas muito velhas. Além disso, vive sempre com fome, disse Baloo animado de esperanças. Prometer-lhe-emos cabritos, muitos cabritos.

- Kaa dorme por quatro semanas cada vez que se alimenta. Pode estar a dormir agora e, ainda que o não esteja, ela sabe caçar por si mesma quantos cabritos queira.

A pantera não conhecia muita coisa a respeito dos costumes de Kaa e, portanto, estava incrédula.



- Nesse caso, tu e eu, velhos caçadores que somos, forçá-la-emos a agir, aventurou Baloo, seguindo com a pantera em direção à moradia de Kaa, a Sérpente da Rocha.

Encontraram-na estirada ao sol, admirando o seu vestuário novo, pois que vinha de terminar o retiro durante o qual muda de pele. Mostrava-se esplêndida de vigor. Por seis metros o seu corpo desenhava no chão nós e curvas fantásticas, enquanto a língua, muito viva, lambia os lábios do focinho chato - como se estivesse pensando no jantar a vir.

- Nada comeu ainda, disse Baloo num suspiro de alívio. Cuidado Bagheera! Kaa fica um tanto cega sempre que muda de pele, e compensa isso com a rapidez dos botes.

Não era Kaa uma serpente venenosa, chegando mesmo a desprezar, como covardes, as que o eram. Sua força residia nos músculos. Quando enleava alguma prêsa, tornava inútil qualquer resistência.

- Boas caçadas! saudou Baloo, sentando-se defronte dela.

Como todas as cobras, Kaa era dura de ouvidos. Por isso, ao ouvir a saudação de Baloo, enleou-se para o bote de defesa, sinal de que não ouvira claramente. Logo depois, compreendendo o que era, respondeu:

- Boa caçada para todos nós. Oh, Baloo, que novidade te traz aqui? Boa caçada, Bagheera! Um de nós, pelo menos, está com fome. Sabeis dalguma prêsa ao alcance? Algum veado ou, pelo menos, algum cabrito? Sinto-me vazia qual poço sêco.

- Estamos caçando, disse Baloo com voz amável e sem pressa, pois sabia que nada se deve precipitar com os animais grandes.

- Permitti-me que vá convosco, disse Kaa. Um tapa a mais de Bagheera ou Baloo nada custa - enquanto que eu tenho de esperar às vêzes dias num carreiro da Jângal para apanhar um veado, ou trepar em muitas árvores para colher um macaco. Desagradável, isso. Os galhos não são hoje o que eram na minha mocidade. Secos e podres, todos êles...

- Talvez teu grande pêso de agora explique essa diferença, sugeriu Baloo.

- Estou dum belo comprimento, não há dúvida, disse Kaa com certo orgulho. Mas a culpa é dos galhos de hoje em dia - muito fracos. Em minha última caçada quase caí, e o ruído da escorregadela despertou os «Bandar-log», que me lançaram em rosto os piores nomes.

- Sem pés, minhoca amarela, murmurou Bagheera, que sabia quais os insultos com que os macacos insultam as cobras.

- Ssss! chiou Kaa. Disseram isso de mim?



- E coisas ainda piores disseram a quem os quisesse ouvir, na lua passada. Mas ninguém os aplaude. Eles não cessam de dizer coisas, e de ti chegaram a inventar que és uma serpente desdentada, incapaz de atacar presa maior do que um cabrito novo - e sabes por quê? São uns cínicos, êsses macacos! Porque, dizem, tens grande medo do chifre dos bodes, concluiu a pantera jeitosamente.

Uma serpente, sobretudo uma velha serpente da espécie de Kaa, raro se mostra colérica. Baloo e Bagheera, porém, puderam notar-lhe um movimento significativo dos músculos queixais.

- Os «Bandar-log» mudaram-se para aqui perto, disse com disfarçada indiferença a cobra. Quando vim hoje espichar-me ao sol, ouvi-os em gritaria nas árvores próximas.

- São... são êsses os macacos que estamos seguindo, disse Baloo com repugnância, porque era a primeira vez que uma criatura da Jângal assim confessava interesse por macacos.

Compreendendo isso Kaa observou:

- Alguma fizeram, para terem à cola dois caçadores deste porte, caçadores mestres! Andais, então, na pista dêles, ó valentes caçadores?

- Nada sou, respondeu Baloo com modéstia, além dum velho e às vêzes caduco professor da Lei da Jângal, e aqui a amiga Bagheera. . .

- Bagheera é Bagheera! interveio a pantera batendo firme os dentes, já que não entendia de humildades. O caso é êste, Kaa. Os comedores de nozes raptaram o nosso filhote de homem, que talvez conheças de fama.

- Ouvi de Ikki alguma coisa sobre um filhote de homem a criar-se em certo bando de lobais de Seeonee. Mas não acreditei. Ikki vive cheio de histórias mal ouvidas e pior contadas.

- Essa é verdadeira. Trata-se dum filhote de homem como jamais existiu igual, disse Baloo. O mais vivo e intrépido de todos os filhotes de homem - meu discípulo, e discípulo que fará o nome do velho Baloo famoso em toda a Jângal. Além disso, eu - nós o adoramos, Kaa.

- Tss! Tss! silvou a serpente, movendo a cabeça chata da esquerda para a direita, Também sei quem o adora. Ouvi histórias que poderei repetir....

- Fiquem as histórias para uma noite de lua em que estivermos de papo cheio e com uma boa disposição, interrompeu Bagheera vivamente. Nosso filhote está nas munhecas dos macacos, os quais, de todas as criaturas da Jângal, só temem a ti, Kaa.

- Temem a mim só, confirmou Kaa, e com justo motivo. Barulhentos, doidos, mesquinhos! mesquinhos, doidos e barulhentos: eis o que são os «Bandar-log». Um filhote de homem em semelhante companhia está mal. Bastante perigoso. Eles cansam-se das nozes que colhem e jogam-nas por terra. Carregam um ramo o dia inteiro, como se tivessem algo de muito importante a fazer, e súbito o picam em mil pedaços. Não considero invejável a sorte dêsse filhote de homem. Insultaram-me de minhoca amarela, não é?

- Sim, minhoca amarela, além de coisas que não posso dizer, de vergonha.

- Precisamos ensiná-los a ter melhor língua. Aaa~sssb!Precisamos ajuda-los a se educarem, E para onde conduziram êsse filhote?

- Só a Jângal o sabe. Para o poente, creio, informou Baloo. Julgávamos que tu o soubesses, Kaa.

- Eu? Como? Eu os apanho quando os pilho em meu caminho, mas jamais os procuro,

- Up, Up! Up! Up! Illo! Illo! Illo! Levanta os olhos, ó Baloo da Alcatéia de Seeonee!

Baloo ergueu a cabeça e viu que Chil, o Abutre, descia do alto, com o sol a lhe brilhar nas asas. Apesar do avançado do dia, tinha Chil percorrido grande área da floresta em procura do urso.

- Que há? indagou Baloo,

- Vi Mowgli entre os «Bandar-log». Pediu-me que avisasse seus amigos. Os

macacos o levaram para além do rio, para as Tocas Frias, na Cidade Perdida. Ficarão lá por um dia, por dez dias ou por uma hora, Pedi a Mang, o Morcêgo, que os espionasse à noite. É o que tenho a dizer. Boa caçada para todos vós aí embaixo!

- Papo cheio e bom sono para ti, Chill! gritou Bagheera. Lembrar-me-ei dêste serviço em minha próxima caçada e deixarei de lado a cabeça para ti só, amigo!

- Nada, nada. O filhote de homem gritou-me a palavra certa e eu não podia deixar de fazer o que fiz, explicou Chil, desaparecendo de rumo ao seu pouso.

- Mowgli não esqueceu as minhas lições! exclamou Baloo com orgulho. Imagine-se isso! Uma criança, e poder lembrar-se da Palavra das Aves num momento difícil!...

- Sinto-me também orgulhosa dêle, ajuntou Bagheera. Mas vamos às Tocas Frias, é tempo.

Os três sabiam onde elas ficavam, embora poucos habitantes da Jângal as freqüentassem, porque os animais fogem dos sítios onde o homem já morou. Apenas porcos-do-mato e macacos são vistos em lugares assim. Os outros, só em tempo de sêca. Nessas cidades em ruína sempre se acumula alguma água nos reservatórios semidestruídos.

- Fica daqui a seis horas de jornada, informou Bagheera. Seis horas na corrida máxima, especificou.

Baloo, muito sério, disse que a acompanharia o mais rápido que pudesse.

- Não podemos esperar por ti, Baloo. Segue-nos. Eu e Kaa iremos na frente.

- Sem pés como sou, deslizo rápida como qualquer quatro-pés, disse Kaa simplesmente.

Baloo fêz grande esforço para acompanha-las, mas, como tinha de ir parando para tomar fôlego, atrasou-se. Bagheera levava a frente, ligeira como todas as panteras, e Kaa, sem dizer nada, fazia o máximo, seguindo-a de perto. Ao chegarem a um rio, Bagheera saltou e deixou Kaa para trás, a transpô-lo a nado. Em terra firme, porém, a cobra de novo alcançou a pantera.

- Pelo Ferrôlho que eu quebrei! exclamou Bagheera quando a viu na sua cola. És de fato ligeira, Kaa!...

- Estou com fome! explicou a serpente, além de que êles me chamaram rã amarela.

- Pior. Minhoca amarela. Verme. Verme amarelo...

- Dá na mesma. Toca! e Kaa projetou-se ainda com mais ímpeto pelo. meio das ervas.

O Povo Macaco estava descauteloso na Cidade Perdida, sem um pensamento sequer para os amigos de Mowgli. Haviam metido o rapazinho dentro da cidade, que mostravam com grande orgulho. Mowgli jamais vira uma cidade indiana e, conquanto não passasse aquela dum amontoado de ruínas, pareceu-lhe magnificante, Lá estava a rua de pedra que conduzia às portas exteriores, aos portões arruinados onde se viam ainda pedaços de madeira presos a gonzos ferrugentos. Árvores haviam crescido dentro e fora dos muros das casas, reduzidas a montes de pedras soltas. Tufos de plantas trepadeiras escorriam das janelas das torres, como em procura do solo.

Grande palácio sem teto coroava uma elevação; suas fontes e pátios mal indicavam o que haviam sido, tanto o mármore de que eram feitos estava sujo das manchas verdes e vermelhas dos musgos invasores. Os grandes pilares da estrebaria dos elefantes desequilibravam-se, com os blocos deslocados pelas raízes das figueiras bravas. Dêsse palácio o observador podia ver filas e filas de casas sem teto, que tinham em conjunto, vistas do alto, a aparência de favos, vazios de mel e cheios de negros. O informe bloco de pedra que fora o ídolo da praça onde quatro ruas despejavam; o esburacado das esquinas onde existiram chafarizes públicos; os semidestruídos domos dos templos de cujas brechas irrompia a copa das figueiras – tudo aquilo espantava Mowgli. Chamavam os macacos, àquela cidade, sua cidade, e em conseqüência desprezavam os demais habitantes da Jângal que não podiam gozar-se de semelhantes ruínas. Todavia ignoravam para que tinham sido feitas aquelas construções. Sentavam-se em círculo no átrio do palácio, onde o rei costumava reunir o Conselho de Estado, para catar pulgas, como se essa fosse a função dos Conselheiros de Estado. Ou então entravam e saíam das casas sem teto, juntando pedaços de tijolo ou telha, que guardavam nos cantos; depois, esquecidos dos guardados, lutavam em grande confusão, para logo em seguida irem brincar nos balcões do rei. Lá sacudiam roseiras e árvores de fruta para ver flores e frutas virem abaixo. Exploravam todos os corredores e túneis escuros do palácio e os inúmeros cômodos e celas sem luz, sem jamais conservarem a memória do que viam, O tempo era todo despendido assim, em micagens e agitação estéril, convencidos de que estavam a fazer o que os homens fazem.

Quando bebiam nos tanques, deixavam a água lodosa, de tanto agitá-la. Empenhavam-se em brigas nos relvados e, de repente, corriam a reunir-se perto dali para gritar bem alto:

- Não há na Jângal povo mais sábio, mais hábil, mais forte e gracioso do que os «Bandar-log».

E assim o tempo todo, até que se cansavam de brincar de cidade e voltavam às árvores, ansiosos de serem vistos e admirados pelos outros animais.

Mowgli, que fora ensinado na Lei da Jângal, nada sabia daquele estranho

viver em cidade. Os macacos haviam-no levado para ali à noitinha e em vez de irem dormir, como se faz após longa viagem, puseram-se de mãos dadas, a dançar e a cantar as mais doidas cantigas. Um dêles deitou discurso para insinuar aos demais que a captura de Mowgli vinha marcar época na história dos «Bandar-log», pois que Mowgli iria ensinar-lhes a fazer as esteiras de vime que protegem contra os ventos. Mowgli de fato começou a tecer à vista dêles e todos procuraram imita-lo. Em poucos minutos, porém, cansaram-se daquilo, largaram as varas de vime e puseram-se a puxar as caudas uns dos outros, saltando e guinchando.

- Quero comer! declarou Mowgli. Não conheço esta parte da Jângal, não sei seus costumes. Trazei-me comida ou deixai-me ir caçar.

Vinte ou trinta macacos saíram aos pulos em busca de nozes e mamões selvagens. Mas brigaram pelo caminho e lá destruíram todas as frutas que haviam colhido. Cada vez mais esfomeado e colérico, Mowgli errou ao acaso pela ruínia, desferindo, de tempo em tempo, o Grito do Caçador Forasteiro. Inútilmente. Ninguém respondia e Mowgli percebeu que se achava em muito mau lugar.

- Tudo quanto Baloo disse dos «Bandar-log» é verdade, pensou consigo. Não têm Lei, nem Grito de Caça, nem chefes, nada - a não serem palavras loucas e micagens torpes. Assim, se eu for morto aqui ou vier a morrer de fome, bem feito; terá sido unicamente por culpa minha. Tenho de esforçar-me por voltar à minha Jângal. Baloo irá castigar-me, mas será melhor isso do que estar a desfolhar roseiras com êstes estúpidos sêres.

Mowgli tentou sair da cidade em ruínas; os macacos, porém, fizeram-no voltar, dizendo que êle não sabia o quanto era feliz ali. O menino cerrou os dentes e acompanhou calado a turba de símios até ao terraço existente junto aos reservatórios d'água. No centro dêsse terraço via-se uma casa de verão, construída de mármore branco pela rainha de cem anos atrás. A cúpula desmoronara pela metade, obstruindo a entrada principal, reservada às grandes damas. As paredes se sustentavam ainda - paredes de mármore rajado, com embutidos de fino lavor onde a ágata, a turmalina, o jaspe e o lápis-lazúli emitiam brilhos multicolores sempre que tocados pelos raios da lua. Dolorido como se achava, sonolento e faminto, Mowgli não pôde deixar de rir-se quando vinte macacos, guinchando a um tempo, começaram a provar-lhe a loucura que seria deixar a sociedade dum povo tão sábio, tão forte e tão formoso como êles eram.

- Somos grandes. Somos livres. Somos admiráveis. Somos o povo mais notável da Jângal. Todos nós pensamos assim, logo é verdade, gritavam em coro. E como és um novato aqui e ainda poderás contar isto aos demais povos da Jângal, a fim de que dêem tento de nós para o futuro, vamos dizer-te tudo a respeito de nós próprios.

Mowgli nada objetou e os macacos se reuniram aos centos no terraço

da rainha para ouvir os oradores que iam cantar hinos ao povo <Bandar-log>, Cada vez que um se engasgava no meio do discurso por falta de fôlego, a turba guinchava em uníssono: «É verdade tudo quanto êle diz; nós somos assim».

Mowgli meneava a cabeça e piscava, sempre concordando quando lhe perguntavam qualquer coisa. Lá consigo refletia:

- Tabaqui com certeza mordeu toda esta gente e a deixou louca. Evidentemente os macacos sofrem de «dewanee». Será que não dormem nunca? Lá caminha uma nuvem em direção à lua. Se escurecer de todo, aproveitarei a ocasião para fugir. Sinto-me tão cansado. . .

Aquela nuvem também estava atraindo a atenção de dois amigos de Mowgli, ocultos nos fossos que rodeavam a Cidade Perdida. Bagheera e Kaa, sabendo quão perigosos se mostram os macacos em bando, mantinham-se em guarda para não sacrificar a partida. Os macacos jamais lutam, a não ser que a proporção seja de cem para um - e que animal na Jângal pode aceitar essa proporção?

- Vou tomar pelo lado norte, sussurrou Kaa. Lá me aproveitarei da declividade do terreno - e não creio que os macacos possam lançar-se aos centos sobre o meu lombo.

- Sei, disse Bagheera, mas é pena que Baloo não esteja aqui. Temos que agir sem êle, Quando a nuvem tapar a lua, penetrarei no terraço. Parece que lá estão reunidos em conselho em torno do rapaz.

- Boa caçada! murmurou Kaa um tanto sarcástica, e deslizou rumo norte.

Os muros da cidade naquele ponto mostravam-se menos arruinados do que em outros, de modo que a serpente demorou para romper caminho por entre as pedras. Enquanto isso, a nuvem ocultara inteiramente a lua. Súbito, Mowgli, com surpresa, percebeu Bagheera a penetrar no terraço. Chegara de manso, para, então, qual um raio, atirar-se contra o bando. Um grito uníssono de pavor e ódio acolheu a pantera. Logo, porém, um dos macacos gritou:

- É um inimigo só. Mata! Mata!

E o bando inteiro investiu contra a pantera, mordendo, arranhando, unhando, enquanto cinco ou seis agarravam Mowgli e o arrastavam para cima da casa de verão, onde o despejaram dentro pelo rombo da cúpula. Outro, que não êle, terse-ia ferido gravemente na queda; Mowgli, entretanto, lembrou-se das lições de Baloo e soube chegar ao fundo de pé.

- Fica aí, gritaram-lhe os macacos, até que matemos os teus amigos; depois voltarás a brincar conosco - se o Povo Venenoso te houver poupado.

Referiam-se às cobras que habitavam aquelas ruínas.

- Somos do mesmo sangue, eu e vós! gritou Mowgli ao ouvir isso, dando assim a Palavra de Senha das Serpentes. Como resposta ouviu um silvo perto.

- Ssss! Ssss! Não te movas, Irmãozinho, que teus pés poderão fazer-nos mal, sussurraram meia dúzia de cobras que moravam ali.

Mowgli permaneceu o mais que pôde imóvel, espiando através das frestas do domo caído e ouvindo lá em cima o terrível estrépito da luta. Urros de cólera e dor, guinchos, ganidos e, em meio de toda essa inferneira, o rosnar feroz da pantera, que pela primeira vez estava lutando em defesa da própria vida.

- Baloo deve estar perto; Bagheera não teria vindo só, pensou Mowgli.

Depois, lembrando-se dum recurso que seria precioso para a sua amiga, berrou-lhe:

- Para os tanques, Bagheera! Atira-te à água! Mergulha!

Bagheera ouviu-o e ganhou nova coragem. Redobrou de violência, enquanto recuava, polegada a polegada, na direção dos reservatórios. Súbito, ressoou perto o grito de guerra de Baloo. O velho urso acabava de chegar.

- Bagheera, exclamou êle, eis-me cá! Vou subir. *Ahuwora'* As pedras estão muito lisas para meus pés, mas os infames «Bandar-log» não terão muito que esperar.

Baloo alcançou por fim o terraço, onde foi envolvido por uma nuvem de macacos. Pôde, porém, tomar posição de defesa e atracando-se com mangotes de símios, começou a parte de matança que lhe cabia. O ruído dum corpo que cai n'água veio dizer a Mowgli que Bagheera estava a seguro nos tanques, onde os macacos não a perseguiriam. De rato, lá ficou mergulhada, só com a cabeça de fora, enquanto os macacos apinhados nos rebordos uivavam de fúria, prontos a se lançarem sobre ela caso saísse d'água em socorro de Baloo. Bagheera então ergueu para o ar o focinho molhado e desferiu, com desespero, o Grito de Senha das Serpentes: «Somos do mesmo sangue, eu e vós!» Fêz isso imaginando que Kaa houvesse abandonado a partida no último momento. O próprio Baloo, meio asfixiado pelo enxame de macacos, não deixou de sorrir àquele chamado.

Kaa tinha acabado de varar por entre as fendas dos muros e coleava-se tôda, da cabeça à ponta da cauda, como para verificar se seus músculos estavam em ordem. Enquanto o ataque a Baloo prosseguia e a macacada no rebordo dos tanques guinchava de ódio, Mang, o Morcêgo, ergueu-se em vôo tonto para ir anunciar pela Jângal o grande acontecimento. Breve, Hathi, o Elefante Selvagem, trombeteou o seu grito de guerra, de passo que bandos de macacos de outras tribos se punham em marcha pelo alto das árvores para socorro dos irmãos dá Cidade Perdida. Até as aves se viram despertas muitas milhas em redor. Mas Kaa avançava, sequiosa de sangue, O ataque das serpentes da sua espécie consiste em golpes de cabeça, em choques violentos nos quais entram em jogo todos os músculos do corpo. Imagine-se uma lança,

ou um aríete, ou um martelo pesando meia tonelada, movido por um cérebro frio que viva no cabo - e ter-se-á imagem do sistema de luta de Kaa. Uma serpente de cinco a seis pés de comprimento pode derrubar um homem, se o golpeia no peito - e Kaa tinha trinta pés de longo... Seu primeiro golpe foi desferido em cheio na massa de macacos amontoada em cima de Baloo - e tão forte que não necessitou ser secundado. Os macacos debandaram aos gritos de «Kaa! É Kaa! Salve-se quem puder! »

Gerações e gerações de macacos educaram-se no medo às serpentes - e aquêles tinham ouvido aos pais e avós as histórias terríveis de Kaa, a assaltante noturna que marinava árvore acima para raptar o mais forte dentre êles, que pilhasse dormindo; a velha Kaa, que sabia mimetizar-se de galho seco com perfeição tamanha que a todos iludia, até o momento em que de galho se transformava de novo em serpente agílima no bote. Nada temiam os «Bandar-log» tanto como essa cobra, porque nenhum imaginava até onde ia o seu poder, nem nenhum sustentava a fixidez do seu olhar, nem nenhum houvera jamais saído vivo dum seu abraço. Por isso fugiram tomados de pânico, e galgaram o topo dos telhados em ruínas, permitindo que o velho Baloo respirasse, afinal. Embora sua pele fôsse mais espessa que a de Bagheera, o urso a tinha bastante castigada. Kaa, então, abriu a boca pela primeira vez e pronunciou uma única palavra, um silvo agudo. Os macacos de fora, que vinham em socorro dos dali, detiveram-se estarelecidos. Aquêles silvo os gelara. Também os que se achavam no topo dos muros e telhados emudeceram. No silêncio que se fêz, pôde Mowgli ouvir, lá do fundo da casa de verão, o ruído da água a espirrar dum corpo que se sacode. Bagheera acabava de deixar os tanques. Nesse momento o clamor rompeu de novo. Os macacos treparam aos pontos mais altos, Penduraram-se às saliências das pedras, uns contra os outros, enquanto Mowgli, espiando através das aberturas do domo, sorria para êles com desprezo e desafio.

- Tirei o filhote de homem da casa de verão, disse Bagheera inda ofegante. Eu nada mais posso fazer. Salvemo-lo e saiamos daqui. Os «Bandar-log» querem atacar-nos de novo.

- Os «Banda-log» não darão um só passo à frente, disse Kaa - e sua boca temida silvou novo ssss agudíssimo.

Imediatamente um silêncio de morte se fêz na macacada.

- Não pude vir antes, Irmão, disse ela a Baloo, mas creio que ouvi teu chamado - ou foi Bagheera que me chamou?...

- Sim..., sim... chamei-te no ardor da batalha, confessou a pantera. E Baloo? Está muito ferido?

- Não sei se ainda me resta no corpo qualquer coisa intata, respondeu o urso, estirando os membros para lhes verificar o estado, *Wow!* Estou bem moído, não resta dúvida. Devemos a ti nossas vidas, Kaa - eu e Bagheera.

- Não importa, Onde está o homenzinho?

- Aqui neste mundéu, donde não posso sair, gritou Mowgli do fundo da casa de verão. O domo arruinado do palácio está sobre minha cabeça.

- Tirem-no fora! Mowgli dança que nem Mao, o Pavão.

Acabará esmagando todos os nossos filhotes, gritaram as cobras do fosso.

- *Hah!* exclamou a serpente numa gargalhada. Ele arranja amigos por toda a parte. Afasta-te, Mowgli, e que o Povo Venenoso se oculte nos buracos. Vou romper a parede.

Kaa examinou cuidadosamente as paredes da casa de verão até encontrar o ponto mais fraco, onde as pedras pudessem ceder aos seus golpes. Depois ergueu-se, afastando a cabeça a seis pés de distância, e com o poderoso aríete do focinho chato martelou o muro. Breve uma pedra cedeu e depois outra, vindo abaixo a parede em meio de nuvem de pó. Incontinenti Mowgli saltou da prisão com os braços abertos para os seus salvadores.

- Estás ferido? perguntou Baloo, retribuindo o abraço que o menino lhe dera.

- Machucado apenas, arranhado e faminto. Oh, êles vos maltrataram bastante, Irmãos! Vejo-vos derreados e sangrentos...

- Pior com êles, disse Bagheera, lambendo os beiços e olhando para o monte de macacos mortos rente aos tanques.

- Tudo isto é nada, já que estás em seguro, Mowgli. Tudo o fizemos por amor da Pequena Rã que tanto nos orgulha, disse o urso.

- Deixemos as expansões para mais tarde, murmurou a pantera com voz dura, que soou mal ao menino. Aqui está Kaa, a quem devemos nós a vitória e tu deves a vida. Agradece-lhe de acordo com o uso, Mowgli.

O menino da Jângal voltou-se e viu a cabeça da serpente erguida um pé acima da sua.

- Com que então é êste o homenzinho! disse ela. Bem lisa tem a pele e no todo não se diferencia muito dos «Bandar-log». Toma cuidado, filhote de homem, para que por alguma noite escura eu te não confunda com os macacos. Sempre que mudo de pele fico algum tempo meio cega.

- Somo do mesmo sangue, tu e eu, foi a resposta do menino. Devi a ti minha vida esta noite. Doravante minha caça será tua caça, sempre que o quiseres, Kaa.

- Obrigada, Irmãozinho, respondeu a serpente, piscando. E que pode caçar tão intrépido caçador como tu? Pergunto-o para que saiba se me convém seguir-te quando saíres à caça.

- Nada mato ainda - sou muito criança, mas sei conduzir cabritos para os que podem apanhá-los. Quando estiveres com fome, vem verificar se estou ou não dizendo a verdade. Tenho alguma astúcia *nisto*, continuou Mowgli mostrando as mãos, e se algum dia caíres em mundéu, poderei pagar a dívida que hoje contrai para contigo - e ali para com Bagheera e Baloo. Boa caçada para todos vós, mestres.

- Bem dito! rosnou o urso, entusiasmado com o aluno.

Também a serpente o cumprimentou, pousando-lhe a cabeça no ombro por uns instantes. Depois disse:

- Coração bravo e língua cortês, sim. Isso te levará longe, na Jângal, homenzinho. Agora, segue teus amigos. Vai dormir, que a lua está alta e o que resta não deve ser visto de teus olhos.

A lua escondia-se detrás dos morros e a linha trêmula dos macacos apinhados no topo dos muros semelhava uma franja irregular. Ballo dirigiu-se aos tanques para beber, enquanto a pantera punha sua pelagem em ordem. A serpente deslizou para o centro do terraço, onde fechou a boca com ruído tal que todos os macacos fixaram nela os olhos.

- A lua descamba, disse Kaa dirigindo-se para os «Bandar-log». Inda podeis ver-me?

Dos muros e tetos em ruína ressoou um gemido como resposta.

- Vemos-te, sim, ó Kaa.

- Bem. Comece-se então a dança - a Dança da Fome de Kaa. Permanecei imóveis e olhai.

A serpente enrolou-se em três voltas e oscilou a cabeça da esquerda para a direita. Depois começou a fazer boleios em oito e triângulos, que logo se desfaziam em quadrados e pentágonos, nunca parando, nunca se precipitando, nunca interrompendo o seu cântico de silvos. Por fim o luar morreu de todo e os coleios da serpente deixaram de ser visíveis. Os macacos apenas ouviam o flébil rumor das escamas de Kaa.

Baloo e Bagheera estavam imóveis, como de pedra, grugulejando a espaços. Mowgli assombrava-se.

- «Bandar-log», disse Kaa por fim, Podeis mover uma só pata que seja sem ordem minha? Respondei!

- Não, Kaa. Sem ordem tua não podemos mover nem pés, nem mãos.

- Bem, Chegai mais perto. Mais, mais...

A linha dos macacos aproximou-se, lenta, fazendo que Baloo e Bagheera instintivamente se afastassem.

- Mais perto! silvou Kaa, e os macacos chegaram-se ainda mais.

Mowgli bateu no pescoço da pantera e do urso, convidando-os a irem-se. Ambos olharam-no com olhos de quem sai dum pesadelo.

- Conserva a mão sobre meu pescoço, murmurou a pantera, Segura-me, que me sinto arrastada para Kaa. *Aah!*

- Que fraqueza é essa, Bagheera? Nada aconteceu. Apenas a velha Kaa se diverte, fazendo círculos no chão, disse Mowgli. Vamo-nos embora - e os três tomaram pela fenda que abria para a floresta.

- Uf! exclamou Baloo quando se viu entre árvores outra vez, Nunca mais me meterei em negócios com Kaa, jurou êle, eletrizado por súbito arrepio.

- Ela sabe mais do que nós, disse Bagheera inda trêmula. Se me demoro uns minutos ainda, lá iria parar dentro da sua garganta.

- Muitos macacos entrarão por êsse caminho antes que a lua surja de novo! Kaa vai ter uma boa caçada hoje, à sua moda...

- Mas que significa tudo isto? perguntou Mowgli, que nada sabia do poder de fascinação das serpentes. Até agora o que vi foi uma velha cobra fazendo boleios e círculos no chão - uma velha serpente de focinho machucado. *Ho! Ho!*

- Mowgli, disse a pantera com severidade, o focinho de Kaa está machucado por amor de ti. Minhas orelhas e quartos, bem como o pescoço de Baloo, estão feridos por amor de ti. Nenhum de nós poderá caçar com prazer por muitos dias.

- Nada disso tem importância, interveio Baloo. Temos conosco o filhote de homem e é tudo.

- Sim, mas custou-nos muito, não só em tempo perdido como em ferimentos, em pêlos - acho que perdi metade dos meus pêlos - e ainda, o que é pior, em honra. Lembra-te, Mowgli, de que eu, a Pantera Negra, fui forçada a pedir socorro a Kaa e que, juntamente com Baloo, me senti diante dela como um passarinho fascinado. Tudo em consequência de teres ido brincar com os infames «Bandar-log»...

- É verdade, é verdade, exclamou o menino compungido. Confesso que sou um mau filhote - e que meu estômago dói de fome...

- *Mff!* Que diz a Lei da Jângal num caso destes, Baloo? perguntou a pantera.

O urso não queria meter Mowgli em mais embaraços, nem podia tampouco deixar de cumprir a lei. Por isso murmurou apenas:

- Arrependimento não evita punição, é a lei. Mas, lembra-te, Bagheera, de que ele não passa duma criança.

- Não me esquecerei disso, respondeu a pantera. Mowgli, entretanto, cometeu uma falta pela qual tem de ser punido. Alguma coisa a objetar, Mowgli?

- Nada. Sou culpado. Por falta minha, vós ambos vos achais feridos. A punição será justa.

A pantera deu-lhe então meia dúzia de tapas de amor, tapas que do seu ponto de vista teriam apenas sacudido um filhote de pantera, mas que para uma criança de sete anos correspondia a castigo bastante severo. Quando o último soou, Mowgli, ergueu-se do chão sem uma palavra, apenas fungando.
- Agora, disse Bagheera, salta sobre o meu dorso, irmãozinho, e vamo-nos para casa.

Uma das belezas da Lei da Jângal é que o castigo acerta tudo. Depois dêle, nenhum ressentimento subsiste.

Mowgli pousou sua cabecinha no pêlo de Bagheera e dormiu tão profundamente que nem sequer despertou ao ser deposto no chão da caverna de Mãe Loba.

Canto de caminho dos “Bandar-log”

*Estamos nós bem no meio da estrada
Que vai até a lua enciumada.
As nossas tribos livres vós não invejais?
Não sonhastes ter mãos além das naturais?
Não invejais assim este rabo estendido
Com a curva harmoniosa do arco de Cupido?
Estais tristes agora? Fique a alma tranqüila!
Irmão, observa a tua cauda confio oscila*

*A proteção das sombras aqui nós nos assentamos,
E nas formosas coisas agora pensamos.
Nós sonhamos agora, as futuras façanhas
Completas num minuto apesar de tamanhas.
São nobres, grandes e boas ações
Que podemos obrar por nossas ambições.
Agora nós iremos. Fique a alma tranqüila!
Irmão, observa a tua cauda como oscila!*

*Todas as vozes, macias ou graves,
De morcegos e veados, de alimárias e aves,
Barba ou pluma, escama ou couro,*



*Vamos nos reunir para falar
em coro:*

*Excelente! Magnífico! Notamos
Que como os homens nesta
hora falamos.*

*Imitemos o homem... Fique a
alma tranquila!*

*Irmão, observa a tua cauda
como oscila!*

*Este é o caminho da raça dos
símios.*

*Nós nos alçando então
através dos pinheiros,
Até onde cresce a vinha,
assim como um rojão,,
Pelos destroços vistos, por
nosso alarido,
É certo que faremos uma
grande ação.*



TOOMAI DOS ELEFANTES

Eu recordo bem o que fui. Sou algemado e sofredor.
Recordo a minha mata antiga. Recordo o antigo vigor.
Eu por algum feixe de cana, meu dorso não quero vender.
Lá nas guaridas entre as matas, aos meus irmãos quero volver.

Eu partirei antes do dia. Antes da próxima manhã,
Beijado pelos ventos puros, e pela água clara e louçã;
Esquecerei o anel do pé, êsse entrave escravizador,
E reverei os meus irmãos que estão brincando sem senhor.

Kala Nag - Serpente Negra - havia, no decurso de quarenta e sete anos, servido ao governo da Índia de todos os modos possíveis para um elefante; e como tinha uns vinte de idade ao ser caçado, conta hoje uns setenta - idade madura para os da sua espécie. Kala Nag lembrava-se do esforço que havia feito, com um forte tirante de couro passado à testa, para arrancar um canhão atolado na lama; isso antes da guerra afegã de 1842, quando não havia ainda atingido desenvolvimento completo.

Sua mãe, Radha Pyari - Radha, a querida - que fora caçada na mesma ocasião, não se esquecera de lhe dizer, ao tempo em que suas presas de leite começavam a cair: «Sempre acabam mal os elefantes que têm medo». Kala Nag percebeu logo que o conselho era bom, porque da primeira vez que ouviu rebentar um obus recuou, gritando - e espetou o traseiro num feixe de baionetas.

Em consequência, aceitou o conselho materno, e antes de completar vinte e cinco anos já se tornara o elefante mais querido e cuidado de quantos viviam a serviço do governo da Índia. Havia transportado mil e duzentas libras de barracas durante a marcha pela Índia Superior; fora içado a bordo dum navio por meio dum guindaste a vapor; e depois de muitos dias de mar tinham-no feito conduzir sobre o lombo um morteiro, numa região rochosa, longe da Índia; havia visto o imperador Teodoro morto em Madgala; depois voltara pelo mesmo navio, glorioso e por todos os títulos merecedor - diziam os soldados - da medalha da Abissínia. Dez anos mais tarde Kala Nag viu camaradas morrerem de frio, de fome e de insolação num lugar de nome Ali Musjid; em seguida foi enviado a milhares de milhas para o sul, a fim de arrastar e empilhar vigas de teca nos estaleiros de Moulmein. Lá quase matou um jovem rebelde, que se esforçava por escapar ao serviço. Após esse trabalho viu-se empregado, com várias dezenas de companheiros treinados para tal fim, em ajudar os homens na captura dos elefantes selvagens das montanhas de Garo.

Os elefantes são preservados com muito rigor pelo governo da Índia. Existe todo um departamento que outra coisa não faz senão caçá-los, amansá-los e remetê-los para todos os pontos do país onde o seu trabalho é exigido.

Kala Nag media dez pés do casco aos ombros, e suas presas tinham sido serradas a cinco pés da base, recebendo no corte um revestimento de chapa de cobre para que não rachassem; mas sabia servir-se das defesas assim podadas ainda melhor que um elefante que as tivesse perfeitas.

Sempre que, após semanas e semanas de cautelosa batida aos elefantes selvagens esparsos pelas montanhas, quarenta ou cinquenta monstros eram encurralados na estacada construída para esse fim, e pesada porta de alçapão caía sobre eles, Kala Nag penetrava no pandemônio - em regra à noite, quando o clarão dos archotes faz difícil o cálculo das distâncias - e, atacando o maior e mais feroz do bando, o martelava até pô-lo nocaute, enquanto os homens, montados em outros elefantes, manietavam os demais.

Nada havia, em matéria de luta, que Kala Nag, o avisado Serpente Negra, não conhecesse, porque até com tigres se tinha batido anos atrás. Com um golpe de sua invenção, depois de bem enrolada a tromba para prevenir qualquer acidente, ele dava lateralmente com as presas de encontro ao tigre em arremesso, achatando-o em terra - e depois, com as patas em cima, espremia-lhe do corpo a vida urrante, até que não restasse mais que um molambo de cauda.

- Sim! disse Toomai, cornaca de Kala Nag e filho de Toomai o Negro, que havia conduzido Kala à Abissínia, e neto de Toomai dos Elefantes, que o havia caçado. Sim, Serpente Negra não tem medo de nada no mundo, exceto de mim. Ele já viu três gerações da minha família ocupadas em seu trato e ainda verá outras tantas.

- Tem medo de mim também! ajuntou o pequeno Toomai, erguendo-se em toda

Andava essa criança pelos dez anos e era filho mais velho de Toomai, do qual, segundo a praxe, devia herdar o posto sobre o congote do elefante, e manejar o pesado *ankus* de ferro - o aguilhão para elefantes que ficara polido pelo uso das mãos de seu pai, seu avô e seu bisavô. O menino sabia o que dizia, porque nascera ao lado de Kala Nag e havia brincado com a sua tromba ainda antes de saber andar. Depois que aprendeu a andar passou a ir com ele ao bebedouro, sem que Kala tivesse a idéia de desobedecer-lhe às ordens, dadas com a sua vozinha aguda, do mesmo modo que nem por sombras pensou em matá-lo, no dia em que Toomai lhe pôs o bebê diante das presas e lhe ordenou que o saudasse como a seu futuro senhor.

- Sim, repetiu o menino, ele tem medo de mim.

E dirigiu-se com passadas largas para o elefante, chamando-lhe «porco velho» e fazendo-o guer as patas, uma depois da outra.

- *Wah!* exclamou o pequeno Toomai. És um grande elefante.

E, sacudindo os cabelos em desordem, repetiu o que havia ouvido ao pai.

- O governo pode comprar por um bom dinheiro os elefantes, mas é a nós, *mahouts*, que eles de fato pertencem. Quando ficares velho, Kala Nag, aparecerá por aqui algum poderoso rajá, que te comprará do governo, entusiasmado com o teu tamanho e tuas boas maneiras, e tu nada mais terás que fazer senão



carregar brincos de ouro nas orelhas, armação de ouro sobre o lombo, colchas de seda e ouro sobre os flancos - e seguir à frente do cortejo real. Por esse tempo, Nag, eu estarei sentado sobre o teu congote com um *ankus* de prata na mão e homens correndo na frente com bastões dourados, aos gritos: «Abram alas ao elefante do Rei!» Será lindo, lindo, Kala Nag - embora não tão lindo como caçar na Jângal...

- *Unf!* exclamou Toomai. Tu não passas dum meninote, selvagem como bezerro de búfalo. Essa maneira de gastar a vida correndo d'alto a baixo as montanhas não é o que há de melhor no serviço do governo. Eu estou envelhecendo sem que goste de elefantes selvagens. Dêem-me currais de elefantes feitos de tijolos, uma baia para cada um, moirões sólidos onde os amarrar e largas estradas nas quais exercitá-los, em vez deste vaivém dos acampamentos volantes. Ah, as cosernas de Cawnpore, que boas! Três horas apenas de trabalho por dia e um bazar perto. . .

O pequeno Toomai recordou-se dos currais de elefante; de Cawnpore e nada disse. Preferiu mil vezes a vida de campo livre, pois detestava as estradas amplas, as distribuições de feno tirado dos armazéns de forragem, as compridas horas passadas à toa, apenas vigiando Kala Nag em seu moirão.

O de que o menino gostava era do avanço pelas sendas fechadas de tranqueiras que só os elefantes atravessam; e, depois, mergulhos no vale, e o encontro de elefantes bravios em pasto milhas ao longe, e a fuga dos javardos e pavões sub as patas de Kala Nag, e as chuvas cegantes, e as belas manhãs nubladas pela cerração, das que deixam os viajantes sem saber onde acamparem à noite, e a perseguição paciente aos elefantes selvagens, e o arranque louco da última noite - toda archotes, gritaria e tumulto - quando os perseguidores, arremessados pára dentro da estacada como blocos que a torrente rola, se sentem presos e se lançam contra os esteios retacos, donde são repelidos a gritos, a fogo, a tiros de pólvora seca. O menino tornava-se nessas ocasiões útil como três. Segurava no alto o seu archote e gritava como ninguém. Mas o templo verdadeiramente bom era quando começavam a fazer sair os elefantes, e o «keddah» - isto é, a estacada - dava idéia duma cena de fim do mundo, com os homens que, não podendo mais se entenderem, falavam por meio de gestos. O pequeno Toomai trepava em cima dum dos moirões vacilante e assumia, com os cabelos revoltos a lhe caírem sobre os ombros, o aspecto dum saci à luz dos tocheiros. Logo que uma pausa no tumulto sobrevinha, a sua vozinha aguda gritava incitamentos a Kala Nag - e suas palavras dominavam o concerto das buzinas, das cordas arremessadas e dos rugidos e resmungos dos elefantes manietados.

- *Mail, mail, Kala Nag!* (Vamos, vamos, Serpente Negra) *Somalo! Somalo!* (Atenção! Atenção!) *Maro! Maro!* (Bate! Bate!) Cuidado com o moirão! *Arre! Arre! Hai! Yai! Kya-a-ah!* gritava o menino, enquanto a grande luta entre Kala Nag e o mais forte dos elefantes selvagens evolvia dentro do «keddah». Os caçadores enxugavam o suor da testa, achando tempo para fazer um sinal ao pequeno Toomai espernejante de entusiasmo no topo do seu moirão.

O menino fazia mais do que espernejar. Uma noite deixou-se vir abaixo do moirão e meteu-se por entre os elefantes para apanhar uma ponta de corda, que atirou vivamente a um homem ocupado em laçar um elefantezinho recalcitrante (os novos dão mais trabalho que os velhos). Kala Nag o viu e, agarrando-o com a tromba, apresentou-o a Toomai, o qual, furioso, lhe deu uma roda de tapas e o depôs novamente sobre o moirão. No dia seguinte veio a reprimenda.

- Bons currais de elefantes, feitos de tijolos, e algumas barracas para carregar não te bastam, vagabundinho, pai-a que te metas a caçar elefantes por tua conta e risco? Esses desgraçados caçadores, cuja paga não chega perto da minha, já deram parte de ti a Petersen Sahib.

O menino teve medo. Pouco sabia dos homens brancos, mas Petersen Sahib era para ele o maior homem branco do mundo, pois que chefiava todas as operações do «keddah», levava dali os elefantes apanhados por conta do governo da Índia e entendia mais a respeito dos hábitos desses animais do que qualquer outra criatura existente.

- Que.., que poderá acontecer? murmurou ele.

- Pode acontecer o pior de tudo. Petersen Sahib é um louco. Do contrário não estaria aqui a caçar elefantes. Ele pode, por exemplo, obrigar-te a ser caçador, isto é, a dormir não importa onde, por essa jângal pestilenta, até que um dia acabes no «keddah», morto por uma patada bruta. Bom será que tua imprudência não termine em desastre! Na semana entrante a caçada estará finda e nós da planície volveremos ao trabalho habitual. Volveremos então a caminhar sobre estradas lisas, sem mais pensar nesta inferneira. Mas, menino, estou zangado de te teres metido no embrulho. Isto é tarefa para estes homens do Assam, imundos bichos da Jângal. Kala Nag não obedece a ninguém senão a mim, e é por isso que tenho de entrar com ele no «keddah». Mas Kala é elefante de combate e não ajuda ninguém a amarrar os outros; e por isso eu o monto, bem à minha vontade, como um verdadeiro *mahout* - não simples caçador! - um *mahout*, repito, um homem que recebe aposentadoria no fim do seu tempo. Adias que alguém da família de Toomai dos Elefantes foi feito para acabar esmagado na esterqueira dum «keddah»? Filho indigno! Anda! Sai daqui! Vai lavar Kala Nag e presta atenção nas suas orelhas e patas, que podem estar com estrepes. Vai, que se não Petersen Sahib te agarra e faz de ti um... caçador, um mastim de seguir a pista dos elefantes selvagens, um urso da Jângal. Bah! Vergonha da família, vai-te! ...

O pequeno Toomai retirou-se sem murmurar palavra e desabafou todas as suas queixas com o elefante, enquanto lhe examinava os pés.

- E isso não é nada, disse quando lhe estava a examinar a enorme orelha direita. Eles contaram o caso a Petersen Sahib e talvez. . . talvez. . . quem sabe? Olá! Um espinhão aqui. Olha!

Os dias subsequentes foram empregados em reunir os elefantes selvagens já caçados e a passeá-los entre dois mansos, para que se acostumassem e não dessem muito trabalho na descida às planícies do sul. Depois, toca a juntar a tralha, as cordas e tudo mais que se espalhou pela floresta. Petersen Sahib apareceu montado na sua inteligente elefanta Pudmini, de volta dos campos próximos para onde fora fazer pagamento, já que a estação havia chegado ao fim. Logo depois um auxiliar nativo, a uma mesa debaixo duma árvore, ajustava as contas com os vários cornacas. Cada um que era pago voltava para o seu elefante e movia-o para onde a caravana já se alinhava para partir. Os caçadores, batedores de mato e auxiliares do «keddah», que passam na Jângal um ano em cada dois, montavam ao serviço das forças permanentes de Petersen Sahib, ou acocoravam-se de encontro às árvores, com as espingardas ao colo. Esses homens caçoavam dos cornacas que se iam, e riam-se de rolar quando um dos elefantes recém-caçados «estourava», rompendo a ordem da caravana. Toomai dirigiu-se ao pagador com o pequeno Toomai atrás. Vendo-os passar, Machua Appa, chefe dos batedores, disse a meia voz a um companheiro:

- Está ali uma boa semente de caçador. Seria pena que este galinho da Jângal vá chocar ovos na planície.

Ora, Petersen Sahib tinha vinte ouvidos em redor da cabeça, como os



Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006
deve ter um homem que passa a vida a escutar o mais silencioso dos seres - o elefante selvagem. Petersen voltou-se, em cima da Pudmini, onde se achava reclinado, e indagou:

- Quem é ele? Nunca imaginei que houvesse entre os homens da planície algum de bastante jeito para amarrar um elefante, ainda que morto.

- Não é um homem, sim um menino. Entrou no «keddah» durante a última pega e jogou uma ponta de corda para aquele Barmao que está acolá, quando estávamos lutando para afastar de sua mãe o elefantezinho que tem uma verruga no ombro.

Machua Appa apontou com o dedo e Petersen Sahib pôs os olhos no menino, que o saudou numa curvatura de quase chegar ao chão.

- Aquela coisinha? Atirou uma corda? Mas nem gente é!... Menino, como te chamas? perguntou Petersen.

O medo do pequeno Toomai era muito forte para que pudesse abrir a boca, mas Kala Nag, que estava atrás, agarrou-o com a tromba e ergueu-o ao nível da cabeça de Pudmini, face a face com Petersen. O menino cobriu a cara com as mãos, porque era uma criança e tinha medo de tudo, salvo elefantes.

- Oh! Oh! exclamou Petersen Sahib, sorrindo por detrás da bigodeira. Por que é que ensinaste ao teu elefante este truque? Seria para te ajudar a furtar o trigo de cima dos telhados, onde o põem a secar?

- Trigo não, Protetor dos Pobres, respondeu o pequeno Toomai, Melões, sim. .

Os homens sentados por ali encheram o ar de gargalhadas. A mor parte deles havia ensinado aquele truque aos seus elefantes, quando crianças. O pequeno Toomai continuava suspenso a oito pés do chão, embora ardesse por achar-se a oito pés dentro da terra.

- É meu filho Toomai, Sahib! disse o grande Toomai franzindo os sobrolhos. Um mau menino, que ainda acabará na prisão, Sahib.

- Duvido muito! respondeu Petersen Sahib. Uma criança que na idade desta afronta um «keddah» cheio, não pode acabar na prisão... Toma, pequeno, toma estas quatro anas para comprares doce. Tu tens miolo dentro dessa cabeleira de bicho do mato. Quando for tempo poderás tornar-te um grande caçador, se quiseres.

O grande Toomai refranziu ainda mais os sobrolhos.

- Recorda-te, entretanto, menino, que os «keddahs» não são lugares próprios para uma criança, acrescentou Petersen Sahib.

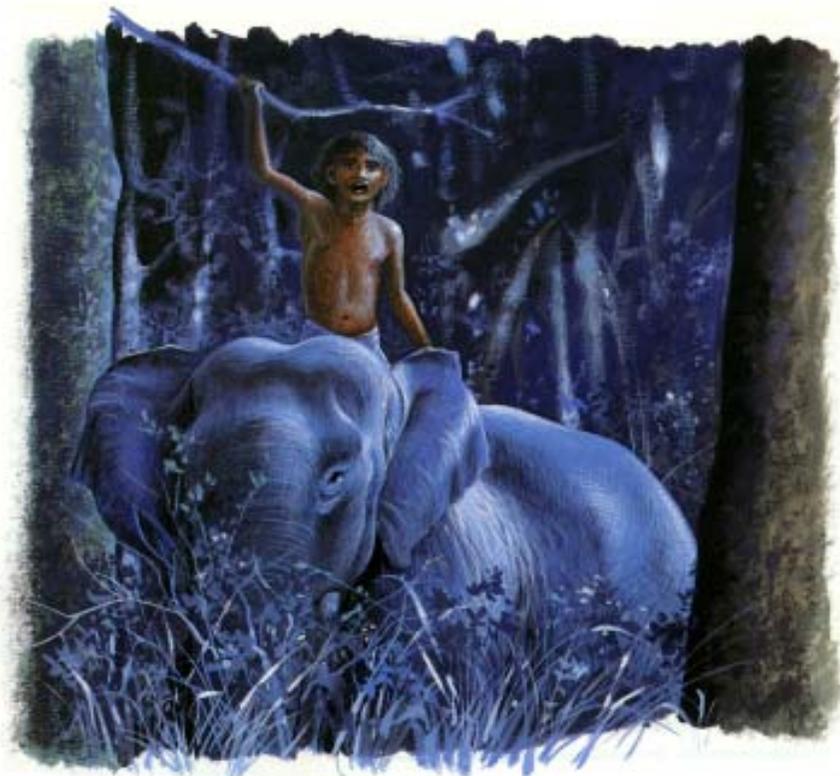
- Não poderei mais, então, aproximar-me deles? perguntou o menino com um suspiro.

- Sim, respondeu Petersen Sahib, mas só depois de teres visto a dança dos elefantes... Será o momento. Vem ver-me depois que hajas visto a dança dos elefantes, que te deixarei entrar em todos os «keddahs» existentes.

Nova explosão de risos, porque se tratava duma brincadeira indiana, muito conhecida dos velhos caçadores. Queria dizer nunca. Há nos espessos da Jângal clareiras amplas, que os caçadores chamam «salas de dança dos elefantes»; mas homem nenhum ainda os viu dançar. Quando um caçador se gaba de proezas, os outros dizem:

- Conta agora a dança dos elefantes, que viste...

Kala Nag depôs o menino em terra. Toomai saudou novamente Petersen Sahib e foi dar a moeda de quatro anas a sua mãe, que estava amamentando um recém-nascido. Em seguida toda a família tomou lugar no dorso de Kala



Nag - e a fileira dos elefantes moveu-se de rumo às planícies, rosnando e resmungando. Era um desfile dos mais inquietos em vista de serem animais caçados de fresco. A cada passo rompiam desordens, sanadas com agrados ou pancadas.

Toomai seguia de cara amarrada. Já o pequeno Toomai mostrava-se feliz como nunca. Petersen Sahib lhe havia falado e lhe dera dinheiro! Suas sensações eram as dum simples soldado que o general destaca das fileiras para vir receber elogios.

- Que quererá dizer Petersen Sahib com essa história da dança dos elefantes? perguntou êle timidamente a sua mãe.

Toomai ouviu e rosnou:

- Quer dizer que tu não serás nunca um desses búfalos com forma de gente, os tais caçadores. É isso que quer dizer... Olá, ó da frente, que é que está barrando o caminho?

Um cornaca, homem do Assam, que ia dois ou três elefantes na frente, voltou-se e gritou colérico:

- Traze Kala Nag para marrar este pequenote que não quer tomar juízo. Não sei por que Petersen Sahib me escolheu para descer com vós outros, asnos dos arrozais! Traze teu elefante por este lado e deixa-o trabalhar com as presas. Por todos os deuses das montanhas! Estes elefantes-meninos estão possessos.. _ ou então farejaram companheiros na Jângal.

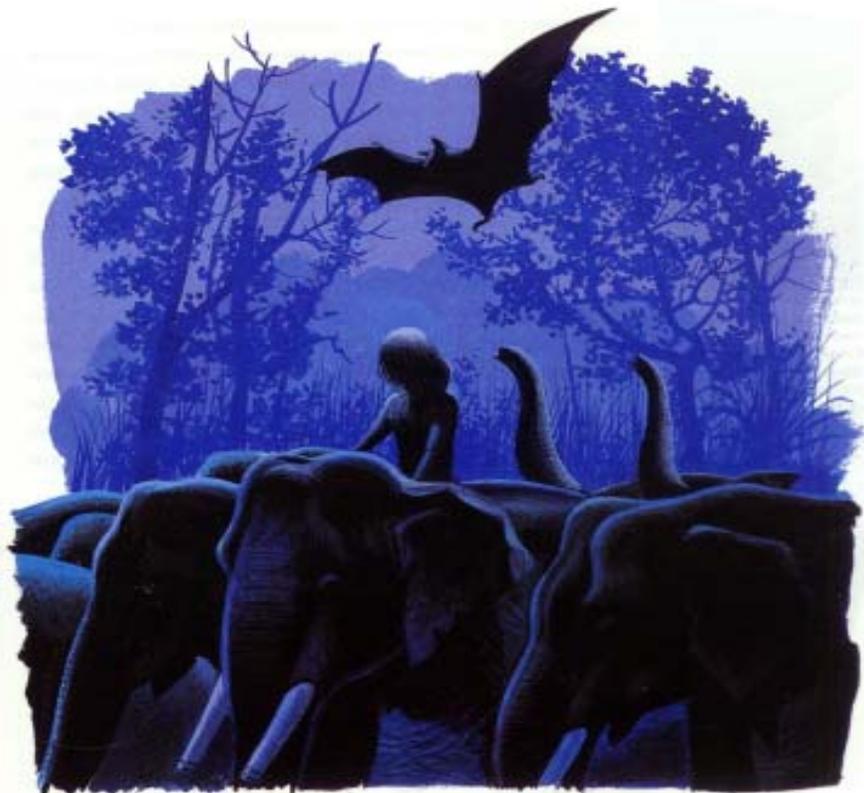
Kala Nag castigou o novato rebelde até fazê-lo perder o fôlego, enquanto Toomai dizia:

- Não farejaram companheiro nenhum. Nós limpamos a montanha de todos os seus elefantes. É sabido apenas o mau jeito com que vós os conduzis. Será que sou eu o encarregado da ordem na caravana inteira?

- Escutai-o! gritou o cornaca. «Nós limpamos a montanha de todos os seus elefantes! » Oh! Oh! Sois gabolas, vós outros das planícies! Toda gente, salvo algum aleijado que jamais haja visto a Jângal, sabe que os elefantes sabem que a caçada este ano já terminou e que, portanto, justamente esta noite, todos os elefantes selvagens farão um... Mas para que gastar ciência com tartarugas dos pantanais?

- Que é que farão eles? indagou o pequeno Toomai,

- Olá pequeno! Estás aí? Pois bem, vou dizer o que eles fazem, porque tu tens cabeça. Dançam. Eis o que fazem: dançam. E teu pai, que «já limpou a montanha de todos os seus elefantes», fará muito bem se dobrar as correntes com que vai amarrar o seu lote esta noite...



- Que estás dizendo? exclamou Toomai. Durante quarenta anos temos guardado elefantes, de pais a filhos, e nunca vi falar de semelhantes danças.

- Oh, um homem das planícies, que vive em cabanas, só conhece quatro paredes... Escuta. Deixa os teus elefantes soltos esta noite e verás o que acontece. Quanto à tal dança, já vi o lugar onde... *Bapree-Bap!* Quantas curvas tem este rio Dihang? Outra passagem a vau aqui! Temos de fazer nadar os nossos bezerros rebeldes. Quietos, todos, lá atrás!

E, assim, conversando, brigando, discutindo e patinhando através dos rios, fizeram os tocadores de elefantes sua primeira etapa, até alcançarem uma espécie de acampamento de pouso. Lá os animais recém-caçados foram presos pelas pernas traseiras a fortíssimos esteios, os mais novos recebendo cordas suplementares, e diante deles amontoou-se bastante forragem. Em seguida os cornacas montanheses recomendaram aos da planície que se mantivessem excepcionalmente atentos aquela noite - e riram-se quando foram perguntados por quê.



O pequeno Toomai vigiou a ceia de Kala Nag e, depois de cair a noite, andou pelo campo, feliz como nunca, atrás dum tantã. Quando um menino indiano se sente feliz, não faz barulho, nem anda a pular daqui e dali, mas senta-se no chão e dá uma festinha a si próprio. E o pequeno Toomai estava feliz, feliz! Peterson Sahib lhe dirigira a palavra! Se não houvesse encontrado o tantã, certo que cairia doente. Mas o vendedor de doces do acampamento lhe arranjou a coisa procurada - tambor de bater com a palma da mão - e o menino sentou-se sob as estrelas, de pernas cruzadas diante de Kala Nag, com o tambor entre os joelhos. E tocou, tocou, tocou - e quanto mais pensava na grande homenagem recebida, mais tocava sozinho, junto aos montes de forragem. Não dizia palavras, nem entoava; o simples *tã-tã-tã* o enchia de prazer.

Os elefantes recém-caçados estiravam as cordas, trombeteando a espaços ou urrando. Lá na barraca do acampamento, a mãe de Toomai embalava o filhinho novo caiu uma cantiga muito velha, consagrada a Civa, na qual esse deus ensina a todos os animais o que devem comer.

Civa, o que fêz brotar as messes, o que fez os ventos da aurora
Assentado ao limiar de uma manhã e outrora,
A cada um deu o seu quinhão: A subsistência, a dor, oFado
Desde o que esmola pelas portas até o Imperador coroado

*Tôdas as coisas fez ele, alva, o Preservador.
Mahadeo! Mahadeo! Ele fez tudo!
Para os camelos deu a espinha, e para os bois criou o feno,
E os corações das mães para a cabeça em sono do filho pequeno.*

O menino escandia a cantiga com um *tunk-a-tunk* ao fim de cada verso. Passado algum tempo o sono o derrubou, e ele pendeu sobre um monte de forragem, perto de Kala. Os elefantes principiaram a acomodar-se, deitando-se, como é seu costume. Algum tempo depois só Kala Nag ainda se conservava de pé, balançando-se lento dum lado e doutro, com as orelhas fitas para a frente, como que à espera dalgum aviso que as brisas carreassem das montanhas. O ar enchia-se dos rumores noturnos, que, juntos, formavam um grande silêncio - *cli-clás* de varas de bambu, *fru-frus* de coisas vivas nos espessos das moitas, pios abafados de aves semidespertas (as aves acordam de noite mais do que imaginamos), rumor de queda d'água ao longe... O pequeno Toomai dormiu por algum tempo, e quando despertou viu o luar claríssimo e viu Kala Nag velando, sempre de pé, com as orelhas erguidas. Voltou-se na sua cama de palha e ficou com os olhos na curva que o enorme dorso do seu amigo estampava sobre o céu estrelado. Estava nisso olhando, quando ouviu, tão longe que parecia uma simples alfinetada no silêncio, o grito de apelo dum elefante selvagem.

Todos os elefantes do acampamento ergueram-se a um tempo, como que metralhados de balas, e com os seus resmungos despertaram os *mahouts* adormecidos. Vieram estes homens com macetes rebater as cunhas dos moirões e passar em revista as cordas, atando aqui e ali outras, por precaução. Depois tudo recaiu em tranqüilidade. Um dos elefantes por pouco que não arranca o seu esteio. O velho Toomai tirou a corrente de Kala Nag e aplicou-a sobre o rebelde, peando-lhe uma das pernas dianteiras e uma traseira. Em seguida passou uma corda de coco à perna de Kala Nag, dizendo-lhe que não se esquecesse de que estava solidissimamente amarrado. Seu pai, seu avô e seu bisavô haviam usado esse truque inúmeras vezes. Kala Nag não respondeu àquele aviso com o *gluglu* habitual. Ficou imóvel, olhando ao longe dentro do luar, a cabeça um tanto erguida, as orelhas em leque, sempre voltado para a linha de montanhas de Garo.

- Presta atenção, vê se ele se agita durante a noite, recomendou Toomai ao menino; em seguida reentrou na barraca.

O pequeno Toomai estava já a pique de adormecer novamente quando ouviu a corda de coco romper-se com estalidos, e Kala Nag afastou-se do moirão, tão lenta e silenciosamente se afasta no céu uma nuvem. O menino trotou-lhe na cola, pelo luar adentro, murmurando baixinho:

- Kala Nag! Kala Nag! Leva-me contigo!

O elefante deteve-se, voltou-se e, agarrando o menino com a tromba,

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006
montou-o em seu pescoço; em seguida, e antes que o pequeno Toomai se houvesse firmado lá, meteu-se pela floresta.

Do acampamento veio um trombetear furioso; depois o silêncio recaiu sobre a natureza, Kala Nag trotava. As vezes um tufo de folhas varria seus flancos, como a onda varre os flancos dum navio; outras vezes um cacho de pimenta silvestre pendurado duma árvore, coçava-lhe o lombo dum extremo a outro; ou um bambu estalava de encontro a sua espádua possante. Em regra, porém, Kala, movia-se sem nenhum barulho, atravessando a Jângal como se estivera atravessando rolos de fumaça. Caminhava morro acima, mas embora o pequeno Toomai olhasse para as estrelas por entre a galhaça das árvores, não podia perceber a direção em que o elefante ia.

Por fim, Kala Nag chegou a um topo onde se deteve por alguns instantes - e Toomai pôde ver o ondear das frondes como pelagem pintalgada e estender-se sob o luar por milhas e milhas de extensão. Ao fundo, um nevoeiro violáceo por sobre o rio. Toomai inclinou-se para a frente e sentiu que a Jângal estava desperta em redor, viva, cheia de criaturas. Um grande morcego frutívoro esbarrou em sua orelha com a asa; os espinhos dum ouriço-cacheiro barulharam perto; também percebeu que um javardo fossava a terra com fúria.

Depois os ramos se fecharam sobre sua cabeça. Kala Nag estava a descer para o vale, não mais pacificamente, como até ali, mas no ímpeto de um canhão que rola por uma escarpa. Seus enormes membros moviam-se com a regularidade de pistões, avançando oito pés de cada passada e fazendo que a pele rugosa esfrolasse nas articulações. As moitas apisoadas estalavam lado a lado com um ruído de pano rasgado; jovens troncos que o elefante ia afastando à direita e à esquerda a ombradas, aprumavam-se de novo após sua passagem, chicoteando-o. Cipós espedaçados ficavam pendentes de suas presas, cada vez que dava marradas em espessos de verdura para abrir caminho.

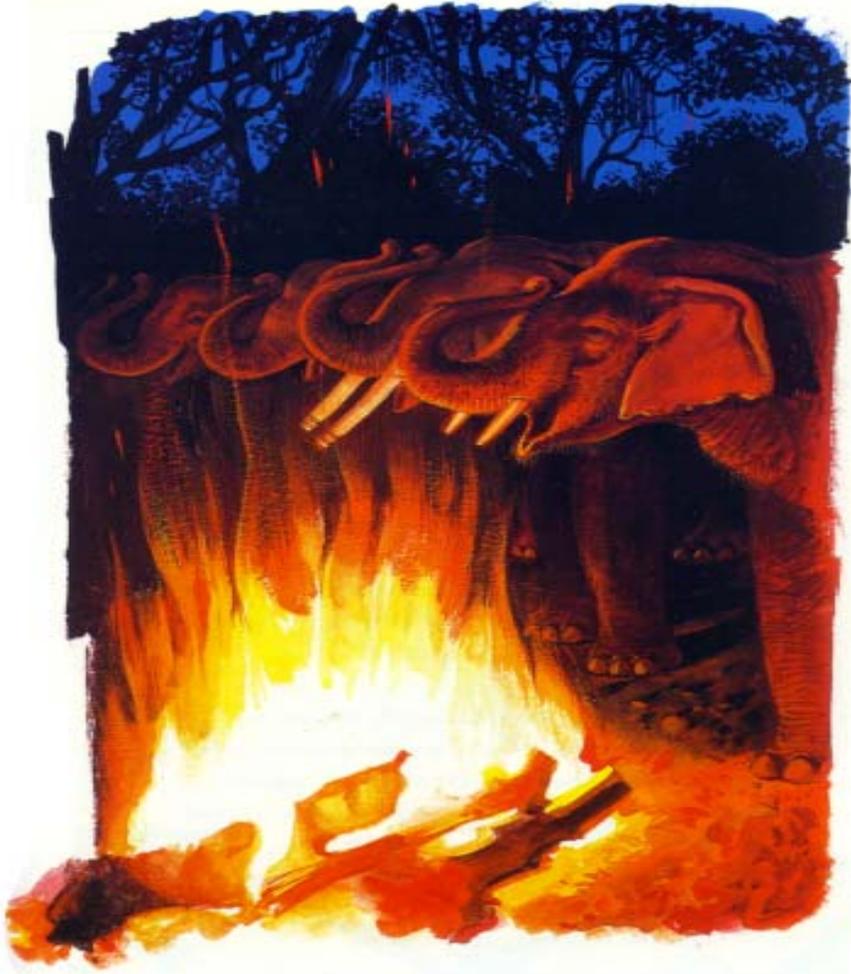
O pequeno Toomai, deitado de barriga sobre aquele enorme congote para que os ramos o não varressem, sentiu-se ansioso de voltar ao acampamento. O chão tornava-se frouxo de lama. Os pés de Kala Nag estouravam, ao arrancar-se dos moldes que ia abrindo. A cerração da noite, no fundo do vale, gelava o pequeno Toomai. Houve depois um patinhar n'água, com esguichos de lama e Kala penetrou no leito dum rio, tateando o caminho a cada passo. Apesar do marulho da correnteza em redor das pernas do elefante, o menino pôde ouvir ao longe um rumor de resmungos, fanfarras, trombeteamentos, rugidos de cólera - isso em meio das vagas movediças dos nevoeiros trevosos.

- Ai! exclamou ele a meia voz, batendo os dentes. A elefantada está toda fora esta noite. Será a dança?

Kala Nag deixou a água num barulhão, assoprou com a tromba para desobstruí-la e deu início a uma nova ascensão. Dessa vez porém, não tinha

de abrir caminho. Encontrou-o já aberto, largo de seis pés, em reta à frente, com os arbustos amassados procurando ganhar de novo o prumo. Muitos animais deviam ter corrido por ali, minutos antes. O menino voltou-se. Dentro da neblina do rio emergira um grande elefante selvagem, de olhos de porco, vivos como brasas. Logo adiante as árvores marginais cerraram-se por cima da sua cabeça e Kala Nag continuou a subir, rodeado do mesmo rumor de fanfarras e urros, e estouros de ramos partidos.

Por fim, o elefante parou no topo da montanha, entre dois troncos dos muitos que fechavam uma área irregular duns três ou quatro acres de terreno. Nessa clareira Toomai pôde ver que o chão havia sido pisoado até tomar-se



duro como o tijolo. Algumas árvores subsistentes no centro da clareira estavam escalavradas, mostrando aos raios da lua a madeira branca e lustrosa. Cipós pendiam dos galhos, com flores em campânulas, dum branco pálido, como que adormecidas de cabeça para baixo. Mas nos limites da clareira não havia vestígio sequer de vegetação; apenas terra apisoada, dum tom ferroso, exceto nos pontos onde a sombra dos elefantes punha manchas negríssimas. O menino suspendera a respiração e olhava com os olhos quase fora das órbitas. Os elefantes, cada vez mais numerosos, vinham borbotando, através do círculo de árvores, para dentro da clareira. Não sabendo contar até mais de dez, Toomai contou tantos lotes de dez que acabou perdendo a conta. Sua cabeça regirava. Ouvia o rumor de mais elefantes a galgarem o morro, os quais, assim que penetravam no limpo, se faziam sombras silenciosas.

Viu lá machos ferozes, de grandes presas brancas, com folhas e fragmentos de galhos entalados nas pregas do pescoço e das orelhas; viu fêmeas gordas e preguiçosas seguidas de filhotes dum negro avermelhado, medindo três e quatro pés de altura; viu elefantes jovens, com as presas em começo de crescimento e muito orgulhosos disso; viu elefantas «tias», magras, de faces cavadas e olhos inquietos; viu elefantes solitários, riscados em todo o corpo de velhas cicatrizes e ainda com plastas de lama na pele - lama dos banhos tomados nos charcos, longe dos outros; também viu um elefante de presa quebrada e com a terrível marca das unhas do tigre no flanco.

Os monstros fronteavam um ao outro, ou passeavam em círculo dois a dois, ou ficavam a balançar-se sozinhos. Eram dezenas de dezenas. Toomai estava certo de que enquanto ficasse imóvel sobre o congote de Kala Nag coisa nenhuma lhe aconteceria, porque um elefante selvagem, ainda mesmo durante os estouros do «keddah», nunca ergue a tromba para arrancar um homem que monta um elefante domesticado - e aqueles ali não tinham um só pensamento dedicado aos homens. Em certo ponto um frêmito agitou os animalões, fazendo-os esticarem as orelhas: tinham ouvido um som estranho, de anéis de ferro. Era Pudmini, a elefanta favorita de Petersen Sahib, que rebentara a sua corrente e vinha subindo o morro, entre resmungos e bufos. Toomai viu outro elefante a sangrar com profundas cortaduras de corda no dorso e no peito. Não o reconheceu. Devia ter fugido dalgum outro acampamento próximo.

Por fim cessaram os rumores de elefantes a moverem-se na Jângal. Kala Nag saiu dentre os dois troncos e foi para o meio dos outros resmungando e grugulejando. O bando inteiro começou então a conversar lá na sua linguagem e a mover-se.

Sempre deitado no congote de Kala Nag, Toomai tinha diante de si um mar de dorsos amplos, de orelhas oscilantes, de trombas que não paravam de descrever curvas e de olhinhos inquietos. Ouvia o *clic-clic* dos marfins a se entrechocarem, o ruído áspero e surdo das trombas enlaçadas, o rustir de flancos e espáduas desconformes, o contínuo silvo das caudas. Em certo momento uma nuvem cobriu a lua - e tudo se fez negror; mas os empurrões, os



resmungos, os esfregamentos morosos continuaram a denunciar-se pelos sons. O menino, via Kala Nag entalado entre inúmeros elefantes, de modo a não ser possível fazê-lo afastar-se da assembléia. Esse pensamento pô-lo a tremer, de dentes cerrados. Num «keddah» havia, pelo menos, as luzes dos archotes e o berreiro; ali, só trevas. Nada mais apavorante. Uma tromba ergueu-se e veio tocar-lhe o joelho. Logo em seguida um elefante trombeteou - e todos o imitaram durante alguns terríveis segundos.

O orvalho pingava das árvores em gotas graúdas sobre aquele

chamalote de dorsos negros. Súbito, um rumor ergueu-se, cavo e indistinto a princípio, que o menino não pôde identificar. Cresceu. Kala Nag levantava as patas dianteiras e as repousava sobre o chão batido - um-dois, um-dois, com a precisão de malhos batendo em bigorna. Todos os elefantes começaram a fazer o mesmo, em conjunto, produzindo um som como de tambor batido em boca de caverna. O orvalho pingava. O rumor surdo prosseguia. O solo era todo tremuras. Toomai tapou os ouvidos com ambas as mãos. Mas continuava a ouvir e a sentir-se penetrado pela imensa vibração produzida por centenas de patas a socarem o chão duro.

Uma ou duas vezes percebeu que Kala Nag e outros se moviam para outros pontos, e o socar da terra se transformava em esmoer de ervas sucosas; minutos depois estavam todos pilando novamente o chão limpo. Uma árvore gemeu com estalos perto do menino. Toomai espichou o braço e roçou os dedos pela casca; mas Nag, sempre pilando a terra, moveu-se para a frente, e Toomai ficou sem saber em que ponto da clareira se achava. Os elefantes cessaram por um momento de dar sinais de vida. Uma vez apenas dois ou três filhotes baliram murmúrios chorosos: ressoou logo uma pancada surda e o bom-bom-bom dos pilões prosseguiu. Duas horas já que durava aquilo, Toomai tinha os nervos doloridos. Súbito, pelo cheiro do ar, percebeu que a madrugada vinha próxima.

A manhã surgiu de amarelo pálido lá atrás das montanhas verdes; aos seus primeiros albores cessou o *bam-bam-bam*, como se a luz fosse ordem de «alto!» Mas o seu rumor ainda vibrava na cabeça do pequeno Toomai e já nenhum elefante se via ali. Apenas Kala Nag, a Pudmini e o elefante cortado pelas cordas. E nenhum rumor, nenhum sinal, nenhum estalidar de galhos pelas encostas da montanha denunciava que os elefante; estivessem por lá. Toomai olhou para todos os lados com os olhos bem abertos. A clareira alargara-se durante a noite. Havia mais árvores pelo meio dela, e a cercadura de vegetação fora afastada de muito. Toomai olhava, olhava. Começava a compreender o *bam-bam-bamento*. Os elefantes haviam dilatado a clareira à força de apisoar o matagal, reduzindo-o a uma espessa massa de verdura úmida.

- Uf! exclamou o pequeno Toomai, com os olhos pesados de cansaço, medo e sono. Amigo Kala Nag, siga a Pudmini e voltemos ao acampamento de Petersen Sahib. Não me agüento mais.

O elefante lanhado pelas cordas, ao vê-los partir, resmungou e, virando nos pés, fêz-se de rumo para o seu acampamento. Devia pertencer ao estabelecimento de algum pequeno príncipe nativo, situado a quarenta, sessenta ou cem milhas dali.

Duas horas mais tarde, quando Petersen Sahib iniciava o seu almoço, todos os elefantes do acampamento, cujas cordas haviam recebido reforço naquela noite, principiaram a trombetear - e a Pudmini, suja de barro das patas aos ombros, seguida de Kala Nag manquejante, fizeram a sua entrada no

campo. O rosto do pequeno Toomai tinha a palidez do extremo cansaço; seus cabelos, empastados do orvalho, traziam ainda folhas de mato entremetidas. Ao dar com Petersen Sahib o menino exclamou com voz débil:
- A dança... a dança dos elefantes! Vi a dança dos elefantes. . , mas estou morrendo. . .

Kala Nag deitou-se e o pequeno Toomai escorregou do seu congote, desmaiado.

Os meninos indianos porém, possuem nervos especiais. Ao cabo de duas horas Toomai voltava a si, na rede de Petersen Sahib, com a veste de caça de Petersen Sahib a lhe cobrir a cabeça. Um copo de leite quente com gim e uma pitada de quinino. Os velhos e peludos caçadores da Jângal, cheios de cicatrizes, rodeavam-no com os olhos de quem olha para fantasma vindo do outro mundo. E Toomai contou a sua aventura. Contou-a ao modo ingênuo das crianças, concluindo:

- Agora, se acham que é mentira, mandem examinar a clareira. Verão que os elefantes, de tanto socar a terra, alargaram a sala da dança, e encontrarão no mato uma grande quantidade de trilhas. Alargaram a clareira com as patas. Eu vi! Eu vi! Kala Nag levou-me consigo e eu vi! Reparem que Kala Nag tem os pés doloridos.

Em seguida reclinou-se na rede e dormiu a tarde toda, e dormiu ainda toda a noite. Entrementes, Petersen Sahib e Machua Appa seguiam o rasto dos dois elefantes por milhas e milhas, montanha acima. Petersen, apesar dos quinze anos que vivera a apanhar elefantes, só uma vez havia visto uma das tais salas de dança. Ia ver a segunda. Machua Appa não teve necessidade de apurar-se muito no exame para compreender o que ali se passara. Tudo confirmava o raconto de Toomai.

- O menino falou a verdade, disse ele. Tudo isto foi feito esta noite, e pelos arredores contei setenta trilhas de mato amassado, todas atravessando o rio. Veja, Sahib! Naquele tronco há um rasgão feito pela argola de ferro da Pudmini! Oh, ela também veio ca!...

Os dois homens entreolharam-se. Depois quedaram-se em contemplação da sala de baile, maravilhados, porque os costumes dos elefantes desnorтеiam e excedem à compreensão dos homens.

- Há quarenta e cinco anos, murmurou Machua Appa, que sigo a minha paixão, o Elefante, e jamais soube duma criança que visse o que o pequeno Toomai viu. Pelos deuses todos das montanhas, isto..., isto... Que será isto, Sahib?
E Machua meneava a cabeça, tonto.

Regressaram ao acampamento à hora da ceia, Petersen Sahib serviu-se em sua tenda, sozinho, mas deu ordem para a distribuição de mais carneiro e aves, mais arroz, farinha e sal, porque estava certo de que ia haver folgança. O velho Toomai, que saíra precipitadamente em procura do filho e do seu

Houve festa. Grandes fogueiras arderam no campo, ao lado da linha de elefantes amarrados aos moirões. O pequeno Toomai recebeu todas as honras devidas aos heróis. Andou de mãos em mãos. Os velhos caçadores, os condutores e encordadores, os batedores e a mais gente que conhece a fundo os segredos da captura e do amansamento do elefante selvagem, não o largavam e lhe fizeram na testa um sinal com o sangue dum galo silvestre recém-abatido, a fim de o marcar como iniciado em todos os segredos da Jângal.

Por fim, quando as fogueiras desmoronaram e os elefantes, batidos da luz vermelha das brasas, pareciam lavados em sangue, Machua Appa, o chefe dos batedores de todos os «keddahs» - Machua Appa, o homem de confiança de Petersen Sahib, o homem que jamais deixara a Jângal, Machua Appa, o homem tão grande que era conhecido apenas por esse nome, ergueu-se donde estava e com o menino nos braços clamou:

- Escutai, irmãos! Escutai também, ó senhores elefantes lá dos moirões, escutai, que é Machua Appa que fala! Este menino não se chamará doravante o pequeno Toomai, como até aqui, mas sim Toomai dos Elefantes - o mesmo nome que no passado teve o seu bisavô. O que nenhum homem ainda viu, êle o viu no decurso de toda uma noite. O favor do povo elefante e o favor dos deuses da Jângal vieram para ele. Há de tornar-se um grande caçador, maior do que eu - sim, maior do que Machua Appa! Seguirá a pista fresca, seguirá a pista morta, seguirá a pista truncada, sempre de olho claro. Nada lhe acontecerá nos «keddahs», quando correr sob o ventre dos elefantes para os garrotear - e se acaso cair sob as patas dum macho em avanço de carga, o elefante furioso o reconhecerá e o não esmagará. *Aihai!* ó meus amos aqui acorrentados! (e assim dizendo Machua corria à frente dos elefantes). Eis o menino que viu as vossas danças lá no fundo dê inacessíveis recessos - espetáculo que homem nenhum ainda viu! Prestai-lhe homenagens, senhores! *Salaan karo*, meus filhos. Saudai a Toomai dos Elefantes! Gunga Pershad, ahaa! Hira Guj, Birchi Guj, Kuttar Guj, ahaa! Pudmini - tu o viste na dança, e também tu Kala Nag, tu que és a pérola dos elefantes - ahaa! Juntos! Todos juntos! Salve o grande Toomai dos Elefantes! *Barrao!*

A este último clamor, vivamente selvagem, a inteira linha dos elefantes entortilhou as trombas até fazê-las tocar as testas largas e, todos em conjunto, entoaram a reboante salva de trombetas que só cabe aos Vice-Reis da Índia - o *Sallamut do Keddab*.

Mas dessa vez a honra suprema vinha para o pequeno Toomai, que havia visto o que nenhum homem ainda vira - a dança dos elefantes, à noite, bem no coração das montanhas do Garo...

Shiv e a cigarra

*Shiv, o que fez brotar as messes, o que fez os ventos da aurora
Assentado ao limiar de uma manhã de outrora,
A cada um deu o seu quinhão: A subsistência, a dor, o fado
Desde o que esmola pelas portas até o Imperador coroado.*

*Todas às coisas fez, Shiv, o Preservador.
Machadeo! Machadeo! Ele fez tudo,
Para os camelos deu a espinha para os bois criou o feno
E os corações das mães para a cabeça em sono do filho pequeno.*

*Ao pobre deu o milho, ao rico deu o trigo,
Deu farrapos ao homem santo, ao mendigo,
Ao tigre deu o gado, e a
cariça ao abutre,
Deu ao lobo bravio o osso
de que se nutre -
Nada é baixo aos seus
olhos e nada é elevado
E Parbati os seus passos
vai seguindo ao lado.
Depois para enganar o seu
marido
Traz o pequeno inseto no
seio escondido.*

*Assim ela enganou Shiv, o
Preservador.
Machadeu! Machadeu!
Volta e olha.
O camelo é importante, o
boi é pesado
Mas esta é a menor das
pequenas coisas, meu
adorado.*

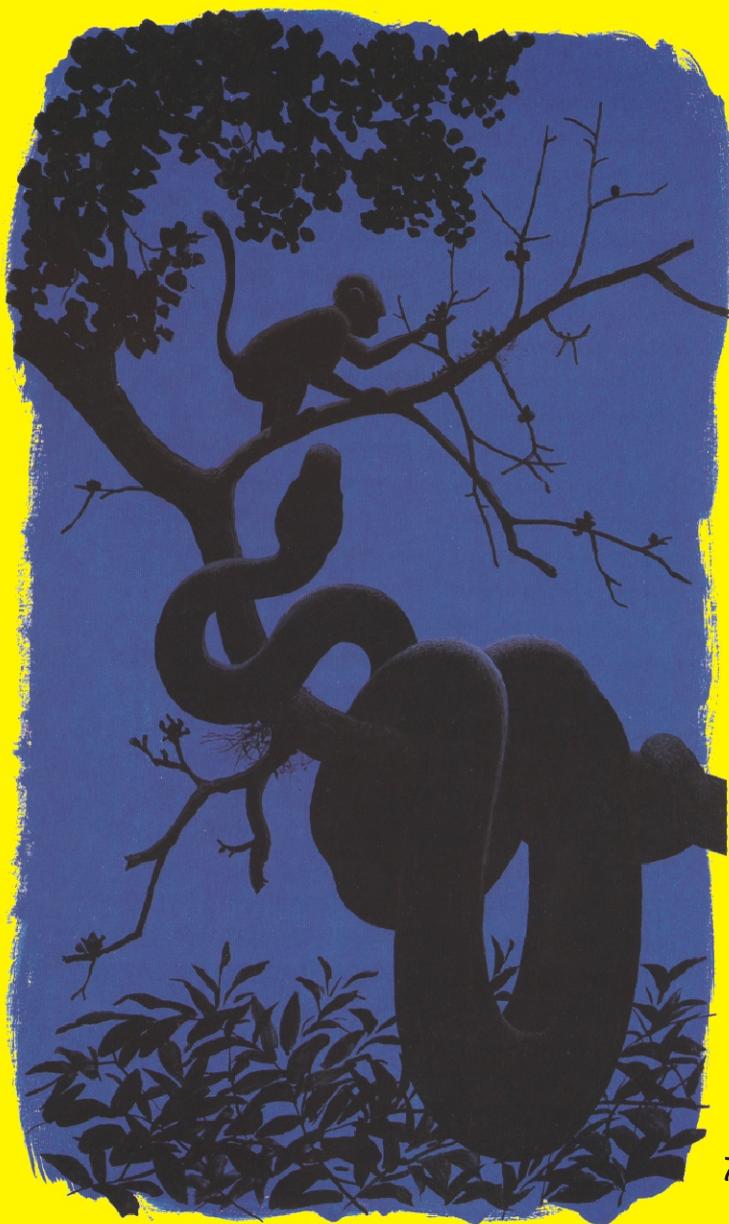
*Quando acabou de repartir,
rindo falou:
Já um milhão de bocas
Shiv alimentou?
Sorrindo respondeu: Têm
todos seu quinhão
Até mesmo o que está
junto ao teu coração.
Parbati o arrancou de onde
ele se escondia*



*E o pequeno mostrou, que uma folha roía.
Maravilhou-se então e fez a prece a Shiv
O que é pai e alimenta tudo quanto vive.*

*Todas as coisas fez ele, o Preservador,
Machadeo! Machadeo! Ele fez tudo,
Para os camelos deu a espinha, para os bois criou o feno
E os corações das mães para a cabeça em sono do filho pequeno.*





- 1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern
- 2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes
- 3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo
- 4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!
- 5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos
- 6 - O Avanço da Jangal
- Rikki-Tikki-Tavi
- 7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei